

TRÊS DIAMANTES: como as *Zaibatsu* ajudaram a manter um sentimento nacionalista na Era da Globalização

Danielle Maria Perez Lott

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar a importância do equilíbrio entre a globalização e o nacionalismo para o destaque de um Estado-Nação no cenário internacional. Nesse sentido, em primeiro momento analisam-se os fenômenos globalização e nacionalismo, em seguida focaliza-se o caso da ascensão japonesa (do Bakumatsu ao fim da Era Meiji) destacando a importância do símbolo nacional *Zaibatsu* Mitsubishi. O Japão era um país fechado e agrário e desfrutava de um modelo similar ao feudalismo europeu até 1853. Mas após a abertura dos portos, por imposição estadunidense no incidente das “Fragatas de Ferro” em Yokohama, e a Restauração Meiji conseguiu se destacar no cenário internacional em grande parte devido às políticas públicas de estímulo econômico (como a criação do Banco Central e subsídios às grandes empresas). No período entre 1853 e 1912 o país passou pelo seu primeiro milagre econômico graças à forte relação entre o Estado japonês e as grandes empresas japonesas, as *Zaibatsu*. Buscou-se analisar o momento histórico, as políticas públicas e a importância das *Zaibatsu* como símbolos nacionais e forças econômicas. Destacou-se o desempenho da Mitsubishi por ser a principal *Zaibatsu* dentre as quatro grandes (Mitsubishi, Mitsui, Sumitomo e Yasuda) e por ser a mais conhecida internacionalmente já que obteve o domínio marítimo da região na época. O crescimento econômico e industrial japonês na Era Meiji (Era do “Poder Iluminado”, de 1868-1912) foi o que possibilitou o expansionismo que levou o Japão a II Grande Guerra na Era Showa (Era da “Paz Ilustre”) tendo em dois momentos diferentes já demonstrado que aprendera com os ocidentais o “jogo” do Imperialismo (Guerra Sino-Japonesa, 1894-1895, e Guerra Russo-Japonesa, 1904-1905, ambas vencidas pelo Japão).

Palavras-chaves: Globalização; Nacionalismo; Japão; *Zaibatsu*; Era Meiji; Primeiro Milagre Econômico Japonês.

Abstract

This work aims to analyze the importance of balance between globalization and nationalism in regards to the rise of a Nation-state in the international arena. For these ends, at first the phenomena globalization and nationalism are analyzed, then the case of the Japanese rise (from the Bakumatsu to end of the Meiji Era) is analyzed, focusing on the importance of national symbol Mitsubishi Zaibatsu. Japan was a closed country and agrarian similar in a way to European feudalism until 1853. But after opening the ports, due to the U.S. imposition in the incident of "Frigates of Iron" in Yokohama, and the Meiji Restoration, it is able to rise on the international scene largely due to public policies of economic stimulus (such as the creation of the Central Bank and subsidies for large companies). Between 1853 and 1912 the country goes through its first economic miracle because of the strong relationship between the Japanese state and the Japanese corporations, the Zaibatsu. This work seeks to analyze the historical moment, public policies and the importance of the Zaibatsu as national symbols and economic forces. It is focused on Mitsubishi because it is the main among the four major Zaibatsu (Mitsubishi, Mitsui, Sumitomo and Yasuda) and for being the best known internationally as it obtained the domination of the maritime region at the time. The Japanese economic and industrial growth in the Meiji Era (Era of the "Enlightened Power", 1868-1912) allowed the expansionism which led Japan to World War II in the Showa Era (Era of "Distinguished Peace") having two different times shown that they had learned the Western "game" of Imperialism (Sino-Japanese War, 1894-1895, and Russo-Japanese War, 1904-1905, both won by Japan).

Keywords: Globalization; Nationalism; Japan; *Zaibatsu*; Meiji period; First Japanese Economic Miracle.

Introdução

Globalização e nacionalismo são dois dos termos mais utilizados nas Relações Internacionais. A relação entre eles é comumente interpretada como maniqueísta. O presente trabalho, porém, não busca trabalhar tal maniqueísmo, ao contrário, busca demonstrar que a relação de equilíbrio entre globalização e nacionalismo, tendo como foco o desenvolvimento nacional, é um fator que dá possibilidade de um Estado-Nação adquirir o status de *vital player* nas Relações Internacionais. Ao utilizar o exemplo da situação japonesa no período compreendido entre 1853 e 1912, mas primeiramente entendendo o que são globalização e nacionalismo, busca-se demonstrar a importância de tal equilíbrio.

A Globalização tem por característica uma aglomeração dos Estados em torno de uma cultura dominante que controla as nações mais fracas em termos políticos, econômicos e culturais. A Globalização seria um fenômeno sem uma precisa data de origem. No livro “Prós e Contras da Globalização” (2001), Held e McGrew comentam como possíveis períodos de origem do fenômeno o final do século XIX e começo do século XX (com os pensamentos de Saint-Simon e MacKinder), e as décadas de 1960 e 1970. Ela consiste na difusão mundial de uma idéia que predomine nos Estados dominantes e apesar do momento ser caracterizado como o de uma Globalização de “economias-mundo” (IANNI, 1995), este constitui o indicativo passado por países como Estados Unidos, Japão, Alemanha e Reino Unido.

As economias estão integradas a tal ponto que uma queda expressiva na bolsa de Hong Kong (China) pode acarretar perdas significativas a serem registradas nas bolsas de Frankfurt (Alemanha) e de Nova York (EUA), por exemplo. Os meios de comunicação evoluíram (e continuam a evoluir) a tal ponto que a informação é assimilada em tempo real nos mais diversos pontos do globo.

Os países conseguem se destacar nesse cenário de grande interação ao demonstrarem em sua organização um equilíbrio entre o Nacionalismo e a Globalização.

Nacionalismo, por sua vez, é “a complexa fidelidade cultural e psicológica dos indivíduos a determinadas identidades e comunidades nacionais, assim como o projeto de criar um Estado em que dada nação seja dominante” (HELD & MCGREW, 2001 : 40).

Seguindo o conceito anterior, nacionalismo é o que caracteriza um Estado, é o responsável pela sua existência, e assim responsável por sua força perante os outros Estados.

Um exemplo da importância do Nacionalismo para o fortalecimento de um Estado é o Japão. Na atualidade, o Japão é considerado um *vital player* das relações internacionais, parte da Tríade (EUA, Japão e União Européia) que “controla” o mundo (principalmente o mundo financeiro), mas precisou de muito esforço ao longo da sua história para alcançar tal posição. O Japão não foi colônia como os EUA foram, mas teve que romper uma grande resistência dos *players* do século XIX para poder se inserir, de modo soberano, no cenário internacional. Seu posicionamento geográfico foi outro fator que gerou dificuldades, uma vez que estava muito longe do eixo principal de negociações. No período de Restauração Meiji e Abertura dos Portos para as nações estrangeiras ocorreu a assimilação da tecnologia ocidental no Japão o que permitiu que o Estado ganhasse competitividade nos mais diversos campos de conhecimento humano (da economia à medicina) dentro do cenário internacional.

“Em poucas palavras, a cultura japonesa de Meiji caracteriza-se principalmente por herdar parte da cultura clássica e feudal, introduzir em larga escala produtos culturais do Ocidente, e criar, mediante fusão de todos esses elementos, uma nova cultura, adequada a uma sociedade capitalista moderna” (YAMASHIRO, 1986: 185-188).

A manutenção de fatores culturais (como a família imperial, o xintoísmo e o *bushido*, código de ética dos samurais) permitiu uma mais fácil adaptação às mudanças trazidas pela abertura dos portos. O Japão soube aproveitar as oportunidades históricas e o potencial que seu território e, principalmente, sua população lhe proporcionaram. Ao se especializar no *soft Power* e preservar seu sentimento nacional, o Estado se destaca no cenário internacional por ter confiabilidade e controle tecnológico em diversas áreas.

A abertura dos Portos ocorreu dentro do período conhecido como *Bakufu Tokugawa* (Era Edo). O Imperador encontrava-se em Kyoto (capital japonesa até 1869, quando Edo mudou de nome para Tóquio e tornou-se a nova capital) numa situação muito semelhante à dos Reis europeus durante o período do feudalismo. Existiam também os *damio*¹ que seriam

¹ Respeitando a gramática e ortografia japonesas, as palavras com esta origem e sem correspondentes na língua portuguesa ou que tenham sido utilizadas desta forma pelos autores utilizados, não serão passadas para o plural.

os correspondentes aos senhores feudais, mas a diferença dos países europeus, no Japão existia uma figura que mantinha a coesão nacional, o *Shogun*. O *Shogun* era um general supremo que controlava o país e ao longo da história japonesa existiram três *Bakufu* (período de controle de uma família de *Shogun* sobre o país), sendo o *Bakufu Tokugawa* o último e tendo a duração de 260 anos (dos quase 700 anos do regime *Bakufu*). Nacionalistas como normalmente são aqueles ligados a exércitos nacionais, os *Shogun* fecharam economicamente o país, focando-se na agricultura e na defesa nacional.

Em meados do século XIX, porém, o mundo estava em vias de alcançar o período conhecido como *Belle Époque* da Globalização (HIRST, 1997; HELD & MCGREW, 2001) e Nações como EUA, Holanda e Reino Unido precisavam ampliar seus mercados. O *Shogun* Ieyoshi Tokugawa ignorou o momento internacional e continuou focando-se nas questões nacionais. No seu último ano de vida, porém, a pressão externa já estava atingindo níveis quase bélicos. Com o episódio da esquadra do Comandante Matthew Perry na baía da Uruga (em 1853), com seus canhões apontados para as terras japonesas, seu filho e sucessor, Iesada Tokugawa, foi forçado a aceitar a abertura dos portos através da assinatura do tratado de Kanagawa em março de 1854.

Difícilmente a abertura dos portos e a “invasão” de produtos ocidentais teriam sido aceitas com tanta facilidade se não fosse a restauração do poder do Imperador, *Meiji Ishin* (ou Restauração Meiji) em 1868, e através da sua figura reforçar o sentimento nacional modernizante que já existia dentro dos principais “feudos” (como Satsuma e Choshu).

Rapidamente o Japão aprendia a utilizar o modo ocidental de se pensar em negócios e a integrar seus aspectos culturais, em especial o *bushido* (principalmente quando trata da dedicação do samurai para com o seu *damio*), para se tornar um ator competitivo na economia internacional. As companhias nacionais privadas que já existiam cresciam e prosperavam com incentivos do governo e se tornavam grandes arquétipos dos modernos conglomerados. A essas grandes companhias era dado o nome de *Zaibatsu* (cuja tradução literal é “poder da riqueza”, um termo originalmente considerado pejorativo pelos japoneses que o utilizavam para criticar o controle econômico por uma reduzida elite industrial). As quatro principais *Zaibatsu* foram: Mitsubishi, Mitsui, Sumitomo e Yasuda. Dentre as quatro,

Assim como na língua japonesa, as palavras serão escritas no singular e seu sentido de pluralidade será subentendido a partir do contexto ou dos artigos, que acompanhem os termos, que estarão devidamente no plural.

a Mitsui e a Sumitomo tiveram suas origens na da Era Edo (*Bakufu Tokugawa*), enquanto a Mitsubishi e a Yasuda foram originadas na globalizante Era Meiji.

A Mitsubishi começou como uma empresa de construção naval fundada por Yataro Iwasaki em 1870. Com incentivos governamentais (subsídios, compra de maquinários, financiamento de pesquisas, empréstimos a longo prazo com juros baixos praticados por bancos nacionais), a Mitsubishi se tornou rapidamente uma das maiores empresas do mundo com uma vasta área de atuação (desde o setor bancário/financeiro ao setor naval originário da *Zaibatsu*). Sua relação de dependência do governo é citada por Benayon (2005): “A Mitsubishi dependeu sempre de subsídios do Estado, desfrutando de virtual monopólio no século XIX.” (BENAYON, 2005 : 82) Excluindo a palavra “sempre” (já que, mesmo que não esteja dentro do recorte temporal desde trabalho, no Pós-II Grande Guerra os investimentos cessam), o autor é muito feliz ao relatar a relação de dependência e do monopólio virtual. O termo virtual é utilizado porque apesar de cada uma das quatro grandes *Zaibatsu* terem uma área específica como ponto forte (sendo a da Mitsubishi a da construção), em alguns momentos um “braço” de uma das outras *Zaibatsu* acabava causando algum (baixo) nível de competitividade. Um exemplo é a questão Mitsui–Mitsubishi no setor financeiro: quando a Mitsubishi entrou no setor financeiro dominado na época pela Mitsui, à época da criação do Mitsubishi Bank (em 1919).

O governo também passou a lutar nos ainda não abundantes fóruns internacionais pelo reconhecimento da Nação Nipônica como uma Nação semelhante às Européias e Norte-Americanas. Seus diplomatas sempre buscavam informar sua população de cada passo dado. Relatavam cada vitória alcançada para estimular o orgulho e o sentimento nacional.

Além do meio diplomático, o Japão utilizou o seu exército (diplomacia canhoneira) para ampliar suas fronteiras seguindo o sistema imperialista vigente no cenário internacional. Em 1905, o Estado japonês obteve uma dupla vitória ao sair vencedor da Guerra Russo-Japonesa, recebendo a região sul da Ilha Karafuto (conhecida no ocidente como Sacalina) e ao “convencer” a Coréia a se tornar um protetorado japonês. O embate Russo-Japonês teve um resultado político muito importante, foi a primeira vitória de um país oriental sobre um ocidental e a partir de então as nações ocidentais já não tinham escolha senão respeitar o Japão (HENSHALL, 2005).

O otimismo e o orgulho nacional eram tamanhos que surgiram expressões como “*oitsuke, oikose*” (literalmente: “alcança, ultrapassa”) e “*fukoku kyohei*” (“nação rica, exército forte”). “O Japão tinha aprendido bem a jogar o jogo de se tornar uma potência mundial...” (HENSHALL, 2005: 133).

“A independência e soberania nacionais constituem-se em temas de permanente preocupação de muitos intelectuais e líderes políticos e populares. O próprio ideal de liberdade e direitos civis está intimamente ligado ao aguçamento da consciência nacional” (YAMASHIRO, 1986: 185-188).

Os japoneses poderiam ter simplesmente sucumbido à cultura ocidental, como outras nações asiáticas (como a China e a Índia) o fizeram.² Foi o nacionalismo o fator que fez com que o Japão alcançasse os Estados ocidentais e aprendesse a se aproveitar do que era positivo da globalização e manter os aspectos fundamentais da sua cultura. Como consequência conseguiu manter sua própria identidade enquanto nação e destacou-se no cenário internacional como uma forte economia e um player que merece respeito no cenário internacional.

Entender como o Estado japonês alcançou esse status poderia ser um fator que auxiliaria na busca de fórmulas para países como os BRICAs (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) conseguirem maior destaque no cenário internacional. A presente monografia é apenas um passo no sentido de contribuir para tal busca e foca seu objetivo na análise, no entendimento e na avaliação da relação de equilíbrio Globalização–Nacionalismo.

Com esse objetivo em mente, o primeiro capítulo foi dedicado a analisar os fenômenos da globalização e do nacionalismo, além de salientar o equilíbrio buscado para que ao entrar no segundo capítulo já se conseguisse entender melhor as conexões e eventos da história japonesa.

A História do Japão do Bakumatsu ao fim da Era Meiji é o foco do segundo capítulo, para que pudesse ser melhor compreendido o terceiro capítulo. Este trata da economia e a relevância da *Zaibatsu* Mitsubishi no período selecionado. O quarto e último capítulo contém as considerações obtidas ao término do trabalho, descrevendo um pouco sobre o Japão da primeira década do século XXI e o Brasil.

² A China foi dominada através do uso do ópio produzido na Índia por britânicos, que também o contrabandeavam para dentro do Império Chinês, mas isso ocorre apenas depois que o Imperador nota que os ocidentais não estavam apenas negociando (estavam colonizando). O mesmo ocorreu com a Índia, que inicialmente recebe bem o comércio com os ocidentais, mas que acaba se tornando colônia (HENSHALL, 2005).

Capítulo 01: Globalização e Nacionalismo

1.1 Globalização

No mundo contemporâneo, poucas são as comunidades intocadas pelo fenômeno da globalização, principalmente no que tange à economia e à informação, graças à evolução da tecnologia de informação, à interdependência dos mercados, ao crescimento dos movimentos de integração regionais, organizações não governamentais e organizações internacionais. Sendo assim, a forma como cada Estado se conduz diante dos desafios inerentes à globalização acaba sendo determinante para que seja compreendido seu papel nas relações internacionais.

“Na era da Internet, para simplificar a argumentação, o capital – produtivo e financeiro – libertou-se das restrições nacionais e territoriais, enquanto os mercados se globalizaram a ponto de a economia interna ser constantemente forçada a se adaptar às condições competitivas globais.” (HELD & MCGREW, 2001: 63)

A Globalização, para alguns autores (como HIRST, 1997), teve início no período das navegações. Consideram que foi uma “primeira onda globalizante” uma vez que os europeus mantinham contato com populações em todos os continentes habitados (colônias na África, Américas, Ásia e Oceania). A Revolução Industrial fortalecia a globalização, porque criava a necessidade de expandir mercados uma vez que o mercado europeu ficou facilmente saturado. Ao perceber tal necessidade, os britânicos (principal potência industrial da época) começaram a incentivar a independência das colônias na América e a fidelização das suas próprias colônias na África e na Ásia. Brigaram para que a escravidão acabasse, mas não por “bondade” ou “espírito cristão”, o interesse era o de possuir mais consumidores (algo que escravos não poderiam ser por não terem salário nem liberdade).

Para Hirst, Held e McGrew, o período em que os britânicos alcançaram seu objetivo de ter um vasto mercado fiel, mesmo período em que Alemanha (já unificada) e França também atingiram um nível de industrialização e de poder econômico forte, e no qual

Estados Unidos e Japão começavam suas ascensões como potências, era considerado o período áureo da globalização. A esse período é dado o nome de *Belle Époque*.

Na *Belle Époque*, segundo Hirst (1997: 411), o comércio mundial e a produção global cresceram a uma média de 3,5% e 3,45% ao ano, respectivamente. A importância do comércio internacional no cálculo de riqueza das principais potências europeias (Alemanha, França e Reino Unido) já alcançava 35,1 e 44,7% no final desse período. Nações como os Estados Unidos e o Japão já buscavam lugar de destaque nesse mundo globalizado, mas ainda encontravam dificuldades devido ao imperialismo (África e Ásia) e resquícios do colonialismo na América (como a influência, principalmente inglesa, nos recém-formados Estados). Os Estados Unidos, para Hirst, teria sido o equivalente dos Tigres Asiáticos da história recente para a Era Vitoriana, porém mais ambicioso e nacionalista. Apesar do foco de Hirst ser Ocidental (principalmente Europa Ocidental e os Estados Unidos), o Japão já era citado com algum destaque frente a outros países Asiáticos.

A *Belle Époque* foi interrompida pela I Grande Guerra. A Europa Ocidental arrasada, a Europa Oriental entrando num momento de fechamento e migração do capitalismo para o comunismo, nos EUA estourava a crise do *crash* da Bolsa de New York em 1929 (levando os países da América Latina junto para o caos econômico) e na Ásia o Japão continuava a crescer já alimentando crenças de dominação do leste asiático. A tentativa da Liga das Nações provava-se ineficaz ao deixar claro que os vencedores da Guerra não se interessavam em integrar os perdedores efetivamente, sua maior derrota foi no início da II Grande Guerra, que parecia mais que uma continuação da primeira.

Foi no fim da II Grande Guerra que se tentou, depois dos “flagelos da guerra”³, novamente buscar uma “globalização mais positiva”. Vale lembrar que mesmo durante a Guerra Fria, a globalização continuava, mesmo que mais focada no setor comercial.⁴ O crescente número de organismos internacionais desde então, como a Organização das Nações Unidas (ONU / organismo de cunho mais voltado para a política) e a Organização Mundial de Comércio (OMC / organismo mais voltado para a economia), reafirmavam a constante necessidade dos Estados se adaptarem às decisões e tendências globais.

A ONU refletia de maneira clara o que seria o mundo globalizado: Vários membros, mas poucos com voz suficiente para serem ouvidos. Com seu Conselho de Segurança,

³ Termo utilizado no Preâmbulo da Carta das Nações Unidas.

⁴ Até os EUA e a União Soviética continuam mantendo relações comerciais.

mostrava que não era apenas o poder econômico que movia o mundo globalizado – uma vez que, por exemplo, Japão (segundo maior contribuinte) e Alemanha (terceiro maior contribuinte)⁵ não eram (e ainda não são) membros permanentes –, mas sim um mixto de poder econômico, político e cultural. Tendo o último uma maior valorização dentro do organismo em virtude deste ter sido formado em um momento significativo para a história das relações internacionais – o fim da Segunda Grande Guerra.

No sistema internacional, os Estados disputam para obter mais do que a supremacia econômica. “A competição (política, econômica e cultural) inter-regional e global desafia as velhas hierarquias e gera novas desigualdades de riqueza, poder, privilégio e conhecimento.” (HELD & MCGREW, 2001: 94) O objetivo de alcançar o status de *vital player* passa por razões afirmativas que por vezes na história tinham como foco demonstração de poder para o seu próprio povo. Pode-se tomar como exemplo a tentativa brasileira de tornar-se um membro permanente do Conselho Executivo da Liga das Nações. Na ocasião, o Presidente Arthur Bernardes preferiu que sua atitude fosse considerada um absurdo internacionalmente (gerando perda de prestígio para o país) para tentar ganhar mais apoio internamente. Sua decisão foi contra o que pensava o diplomata e representante do Brasil no organismo, Afrânio de Mello Franco, ao ordenar que caso o Brasil não conseguisse a cadeira permanente que fosse vetada a entrada da Alemanha na Liga.

Os fóruns de debate internacionais demonstravam a crescente vontade dos Estados de antes de partir para conflitos bélicos e econômicos, tentassem utilizar a diplomacia como meio de resolução de problemas. As diferenças culturais estavam aos poucos aprendendo a ser respeitadas, apesar de ainda haver uma grande manipulação quanto a quais diferenças seriam respeitadas e quais continuariam a sofrer com o preconceito (como é o caso da cultura árabe desde o “11 de Setembro”).

Conflitos bélicos podem até ser lucrativos para Estados com forte indústria armamentista e com um alto índice de desemprego, mas na grande maioria dos casos, os conflitos são desgastantes para a política e a economia – sem falar na destruição do território onde o combate se realiza. Os conflitos econômicos, na forma de embargos quando podem ser efetivados podem gerar a perda de mercados importantes para outros

⁵ Segundo o site do próprio organismo (<http://www.un.org/geninfo/ir/index.asp?id=150>), a ordem dos três países que mais contribuíram para o orçamento de 2005 foi: Estados Unidos (com 362,7 milhões de USD), Japão (com 279,6 milhões de USD) e Alemanha (com 124,4 milhões de USD).

países. A diplomacia surge como alternativa pacífica e menos danosa de resolver conflitos e ganhar competições.

Um Estado que consegue vencer seja pelo meio diplomático ou através do conflito armado, torna-se uma potência (regional ou global). Este país passa a ter, com sua cultura, economia e atos políticos, poder de interferência direta nos demais Estados sob a sua esfera de influência. Mas isso não significa que ele deixará de ser influenciado por outros Estados, apenas que a sua influência sobre os outros é maior do que a influência dos outros sobre ele. Uma crise político-econômica na Grécia, por exemplo, afetaria os Estados Unidos, mas não da mesma forma como uma crise estadunidense de mesmas características afetaria os gregos. Isso pôde ser visto na prática no biênio 2009–2010 com a crise “Imobiliário-Financeira” dos Estados Unidos seguida da crise da “maquiagem” grega.

Com a Globalização, o fluxo de entrada e saída de capital se tornou mais ágil. Isso foi favorável ao investidor que podia passar a investir onde quisesse. Mas perigoso para o Estado que precisava contar com o capital e podia, literalmente, da noite para o dia ver altas somas de capital evadindo as fronteiras nacionais para outro país. Isso podia ocorrer porque o segundo passava a possuir mais vantagens para o investidor do que o primeiro (vantagens que poderiam ser desde uma taxa de juros mais alta até um plano de pagamento que aliasse segurança e bom retorno).

Teóricos como Bauman vêem com pessimismo a mobilidade trazida pela globalização e questionam até que ponto a globalização seria global. Em seu livro “Globalização: As Conseqüências Humanas”, Zygmunt Bauman fala que “Eles (acionistas) são o único fator autenticamente livre da determinação espacial” (BAUMAN, 1999: 15), ainda em tom de crítica mais a frente continua “Quem for livre para fugir da localidade é para escapar das conseqüências. Esses são os espólios mais importantes da vitoriosa guerra espacial” (BAUMAN, 1999:16).

Já outros teóricos, como José María Gómez e Ronald Robertson, consideram a globalização um processo mais antigo e amplo com três pontos importantes a serem levados em consideração:

Em primeiro lugar, a globalização não é um estado completamente novo, mas um processo de longa duração, cuja origem remonta às primeiras viagens dos exploradores europeus, e só se acelera e se aprofunda na era contemporânea (portanto, isso não implica que ela seja automaticamente boa ou má, ou que

encarne o triunfo definitivo do liberalismo econômico e político à *la* Fukuyama, ou que produza os mesmos efeitos em todo lugar). Em segundo lugar, instituições sociais e povos sofrem os impactos da globalização sem que necessariamente os padrões de pensamento e significação se adaptem aos fatos, e, quando adaptados, eles podem gerar ou aprovação ou rejeição; noutras palavras, essas instituições e povos podem não ser conscientes da globalização e nem por isso menos afetados por ela, e, quando conscientes, não lhe respondem de maneira uniforme, mas diferenciada. Em terceiro lugar, o espaço foi fundamentalmente comprimido, o que implica que indivíduos, organizações sociais e comunidades se vêem forçados a estabelecer contatos mais próximos e a reconhecer dependências mutuas (o que provoca mudanças e conflitos, emergência de novas formas sociais e culturais, interdependência crescente da economia mundial, um grande número de pessoas e idéias percorrendo o mundo graças aos avanços nas comunicações e transportes...tudo isso impulsionando movimentos tendentes à homogeneização cultural – similitude, em distintos lugares, da alimentação, tevê, arquitetura, música, roupas, valores, etc. – e uma simultânea diversidade – pressões para autonomia ou identidades culturais locais e regionais) (GÓMEZ, 1999 : 134-135)⁶.

Nos três pontos, fica claro que, para Gómez e Robertson, a globalização já existia, mas ganhava força com a revolução tecnológica. Apesar de não deixarem explícito um desacordo com Bauman, ficava claro que querendo ou não, sabendo ou não, os indivíduos estariam expostos e sofrendo os efeitos positivos e negativos da globalização, desde os aspectos mais básicos das suas vidas (alimentação, roupas) até questões mais complexas como a identificação cultural. Bauman salienta os aspectos negativos usando termos como “guerra espacial”. Logo no fim da citação, Gómez fala da simultaneidade com que o indivíduo conviveria com a globalização e os aspectos regionais (e/ou nacionais) apenas como constatação enquanto Bauman já fala em liquidez e insegurança na era da Pós-modernidade (BAUMAN, 2007).

Há ainda alguns teóricos (como HIRST, 1997), que consideram que a presente globalização, principalmente no setor econômico, trata-se de um desdobramento proporcionalmente menor ao visto durante o período conhecido como *Belle Époque* (1870–1914). Hirst concorda com Gómez e Robertson que o processo de globalização inicia-se antes do fim da Guerra Fria, mas discorda que seja a contemporaneidade o período em que mais aprofundou as interações entre os Estados.

Por coincidência ou não, o Japão passou por seu período mais intenso de transformação durante a *Belle Époque*. Para alguns, o período Pós-II Grande Guerra representava o período de mais intensa transformação, mas vale a pena ser lembrado que a transformação Pós-1945 foi muito mais um re-erguimento – uma vez que como perdedor da

⁶ Parte do livro “Globalização Excludente”, organizado por Pablo Gentili.

Guerra e tendo recebido não só uma, mas duas bombas nucleares em seu território, teve seu desenvolvimento freado. O Japão teve ainda que se sujeitar a ser tutelado pelos Estados Unidos por anos. Com a “ajuda” estadunidense os japoneses puderam retomar a forma de crescimento Pré-II Grande Guerra, inclusive no que diz respeito às Zaibatsu (como será visto no próximo capítulo).

É no período de 1870 a 1914 que foi possível notar mais claramente a mudança que ocorreu “na terra dos Samurais”. O arquipélago fechado em um regime similar ao feudalismo começava a demonstrar que possuía capacidade para se tornar uma potência mundial. Sua importância ainda era muito menosprezada por questões etnocêntricas dos europeus, mesmo em 1914 quando o Japão já tinha em empresas como a Mitsubishi e a Mitsui grandes fontes de renda e tecnologia, o que até certo ponto pressionou os japoneses pra que provassem ser tão bons quanto diziam mesmo que na base da diplomacia canhoneira.

1.2 Nacionalismo

Comumente se associa o Estado-Nação com o fim da Guerra dos 30 anos e a assinatura do Tratado de Westphalia (em 1648). De fato, esses acontecimentos colocam o Estado-Nação como o centro das relações internacionais, mas deve-se lembrar que no oriente China, Japão e Coréias já possuíam noções similares há mais tempo (vide o Império Chinês das Dinastias Yuan, 1271–1368, e Ming, 1368–1644). De qualquer forma, a partir de Westphalia, os Estados se reconheceriam e respeitariam como atores soberanos no cenário internacional. Para a nobreza européia, essa distinção era feita pelo reconhecimento do seu chefe de Estado, como se pode reconhecer na célebre frase “O Estado sou eu” atribuída ao monarca francês Luís XIV (1638–1715), o pensamento absolutista na sua fase áurea.

É sabido que, em 1648, com o fim da Guerra dos Trinta Anos, a Paz de Westphalia sancionou e tornou possível uma relação estável e singular entre autoridade política e território. As exaustivas guerras civis religiosas que se seguiram ao cisma protestante levaram as elites dominantes a colocarem a paz social acima das ambições religiosas supra-nacionais, reconhecendo que os príncipes e os Estados tinham o poder de determinar o estatuto de seus súditos sem interferências externas. A partir de então, e uma vez “despolitizado” o maior problema político do século XVII – as crenças religiosas –, tornou-se possível a construção dos Estados autocráticos como conjuntos diferenciados de instituições e funcionários que

exercem de maneira centralizada e territorializada o monopólio do estabelecimento de leis obrigatórias para uma população (GÓMEZ, 1999 : 141).

Se Westphalia marcava a soberania estatal ocidental – o reconhecimento e o respeito ao qual cada Estado tem direito –, as revoluções ocorridas no Reino Unido (a Inglesa de 1642–1651 e a Gloriosa de 1688), nos Estados Unidos (1776) e na França (1789) marcavam uma mudança vital para a sobrevivência de um Estado-Nação na história ocidental: o reconhecimento, e até o descobrimento, do sentimento nacional por parte da população. Até então, tinham pouco conhecimento do que significava pertencer a um Estado, estando mais presos a feudos e a uma religião que reforçavam na população a subserviência e o sentimento de culpa. A massa popular nascia conhecendo seus deveres e pecados, jurando lealdade a um senhor e a Deus, sem levar muito em consideração o que representava ter nascido aonde nasceu. Com as revoluções “populares” citadas anteriormente, começava a ser integrado no subconsciente da população um sentimento de pertencimento a um determinado espaço físico. O lema da Revolução Francesa (Liberdade, Igualdade e Fraternidade) demonstrava três aspectos do pertencimento: O direito de circular pelo Estado (mudando a idéia de que quem nascia no campo deveria morrer no campo); o direito de ser tratado como igual (desconsiderando as alegações dos nobres europeus de possuírem o “sangue azul” que o diferenciaria dos demais); e dever de trabalhar pelo bem coletivo (já que todos são iguais e as necessidades da maioria superariam em importância as vontades da minoria).

As nações envolvem coletividades de classes diversas que compartilham um sentimento de identidade e de destino político coletivo. Sua base em traços comuns culturais, lingüísticos e históricos, reais e imaginários, é sumamente maleável e fluída, dando origem, muitas vezes, a expressões variadas e a relações ambíguas com os Estados. O nacionalismo é a força que liga os Estados às nações: ele descreve a complexa fidelidade cultural e psicológica dos indivíduos a determinadas identidades e comunidades nacionais, assim como o projeto de criar um Estado em que uma dada nação seja dominante (HELD & MCGREW, 2001: 40).

Com a lealdade ao Estado surgiu a possibilidade de ascenderem ao poder grandes líderes (como Napoleão, Hirohito e Hitler) da história que foram capazes de utilizar tal sentimento através da manipulação dos símbolos nacionais (uma bandeira, um hino, uma religião, uma herança histórica, um grande líder carismático) para criar exércitos e

desenvolver seus Estados. Mesmo que, ou talvez até principalmente, à custa de outros Estados como pode ser notado na Expansão Francesa sob a tutela de Napoleão.

Hitler utilizou duas heranças históricas para conseguir estimular a população alemã a compactuar com seus planos. O sentimento de revanche por uma guerra perdida, o clamor de servir a amada pátria, o desespero de um caos econômico (pós-crise 1929) e o passado mitológico são fatores que nas mãos de um líder carismático tornam-se armas para manipular a população. Hitler foi esse líder carismático (tendo por trás o apoio de vários assessores e estrategistas brilhantes) e que soube como utilizar esse momento crítico do “seu país”⁷ para obter o apoio e a fidelidade da população. Sob sua tutela, a Alemanha, a Itália de Mussolini e o Japão de Hirohito (com certo contra gosto alemão, uma vez que os japoneses estavam longe da “perfeição ariana” que Hitler buscava), comandou o Eixo na Segunda Grande Guerra, além de ter sido responsável pelo que passaria a ser chamado de genocídio.

Para Held e McGrew (2001), os símbolos nacionais são recursos fundamentais para as vidas das pessoas e importantes para a manutenção da identidade e dos interesses nacionais. Os símbolos nacionais são responsáveis por lembrar a população do vínculo que a prende ao Estado. O símbolo mais claro de um Estado é a sua bandeira, nela se refletem os aspectos que geram um sentimento de orgulho do seu país. A bandeira brasileira, por exemplo, foi pensada de tal forma que representasse as riquezas naturais, a congregação dos estados e um desejo positivista (Ordem e Progresso).

O hino nacional é outro símbolo muito presente na vida dos membros de um Estado. No hino francês, “La Marseillaise”, canta-se e exalta-se a união da população contra o regime que lhes oprimia, lembrando os franceses das raízes históricas do seu povo. Em várias partes do hino lembra aos franceses que eles não devem aceitar tiranias e que devem proteger sua Pátria também das ameaças externas, geração após geração.⁸

A figura histórica é outro símbolo importante e utilizado com exemplo para as gerações seguintes (positiva ou negativamente). Nelson Mandela (nascido em 1918) é um dos grandes líderes da história, com o diferencial de ter buscado a união e pacificação da multi-étnica África do Sul. Ao pregar o perdão ao invés da retaliação aos descendentes de

⁷ Vale lembrar que Hitler nasceu na Áustria, mas “adotou” a Alemanha como seu país.

⁸ Um exemplo é o trecho que compreende os versos 6 e 7 da 4ª estrofe do hino:

“S'ils tombent nos jeunes héros, (Se os jovens heróis caem/falecem)

La terre en produit de nouveaux (A terra/França produz novos)” (Tradução Livre)

européus (*Afrikaners*), mesmo depois de ter sofrido com o regime de apartheid (regime de segregação étnica que durou de 1948 até 1994), Mandela colocou a África do Sul na rota do desenvolvimento. O país passou a ser considerado um dos países emergentes do século XXI junto com países como o Brasil, a Índia e a China.

A rivalidade entre os Estados pode ser canalizada em competições não belicosas. É o caso dos esportes. Os atletas disputam para colocar o nome do seu país o mais próximo possível do topo. Apesar de aparentemente não gerar frutos rentáveis, os esportes são muito estimulados pelos governos. Quando um Estado consegue se colocar em uma das três primeiras colocações, a comemoração reúne a figura do cidadão (que em Estados menos desenvolvidos – e em casos bem específicos também em países desenvolvidos – pode até mesmo assumir a posição de herói nacional), o hino e a bandeira numa festa de exaltação ao Nacional. O esporte também ajuda a projetar o país internacionalmente e estimular o turismo. As figuras do jogador de rúgbi sul-africano Chester Williams no Mundial de Rúgbi de 1995 e do jogador de futebol também sul-africano Matthew Booth na Copa das Confederações de Futebol de 2009 foram utilizadas contra o Apartheid. Chester Williams era o único negro no time de rúgbi e Matthew Booth era o único caucasiano na seleção de futebol.⁹

A língua, a música, a literatura, a arquitetura são símbolos indissociáveis. O português falado no Brasil não é o mesmo português falado em Portugal ou Angola, assim como o inglês do Reino Unido não é igual ao da Austrália ou dos Estados Unidos. O mesmo acontece nas artes, a arte barroca brasileira apesar de inspirada na arte *baroque* européia, agregou valores próprios que a tornaram única. Na literatura, o *Spleen* do Lord Byron (Romantismo Inglês) tem um pessimismo romântico diferente do pessimismo de Goethe (Romantismo alemão). Essas diferenças, encontradas até mesmo na similaridade, identificam o que seria o outro e a partir da comparação com esse outro, o nacionalismo faz com que um indivíduo se identifique com o que é comum ao seu Estado-Nação.

A grande empresa é um símbolo nacional necessário em uma era capitalista e globalizante. Uma empresa forte e competitiva no cenário internacional, e que ainda mantenha suas raízes e relação com seu Estado de origem, é utilizada como forma de estimular outras empresas nacionais a seguirem o mesmo caminho, além de promoverem o

⁹ Utilizam-se o termo “negro” de acordo com a terminologia do Movimento Negro Unificado e o caucasiano por se tratar da nomenclatura comum européia.

Estado dentro do mesmo e internacionalmente. Por mais que exista uma tendência de que as empresas ao alcançarem um determinado patamar no mercado internacional aos poucos se desvinculem do mercado nacional, ainda existem empresas que seguem o caminho oposto – de tal forma que não se consegue imaginar a marca sem se ligar diretamente ao país. Petrobrás (BRA), Vale (BRA), Toyota (JAP), Microsoft (EUA), Coca-Cola (EUA), Ford (EUA), McDonald's (EUA) são exemplos dessas grandes empresas.

Gómez em seu texto sobre globalização cita Mike Featherstone (1996), para quem a “McDonaldização do mundo” seria uma forma de reforçar “imagens e ícones do *american way of life*” dentro e fora do país. Mas essa prática não é exclusiva dos Estados Unidos, o Japão utilizou-se muito das suas grandes empresas para fortalecer o sentimento nacional em momentos críticos da sua história, como na época Pós-Segunda Grande Guerra e na Abertura dos Portos de 1853 (como será visto mais adiante). O Brasil, primeiro com o segundo governo Vargas (quando foi criada a Petrobrás) e mais contemporaneamente com o governo Lula, utilizou-se muito das vitórias alcançadas pelas empresas nacionais e seus reflexos na economia do país (tendo a Petrobrás e a Vale como principais motivos de orgulho).

A própria economia nacional pode ser utilizada como motivo de exaltação nacional. O PIB chinês ultrapassar o PIB japonês em 2010 representa muito mais do que simplesmente o valor monetário. Para a China representa superar o país que traumatizou uma região inteira (com o Caso do Estupro de Nanquim¹⁰ e a dominação da Manchúria durante a II Grande Guerra) e feriu profundamente o nacionalismo e a honra da população chinesa. A inimizade continua principalmente pelo fato dos japoneses não admitirem e terem tirado dos seus livros de história os absurdos que cometeram contra chineses, coreanos e outras populações asiáticas. Para o Japão, o medo de ser vítima de um revanchismo é muito presente. Os dois países disputam fortemente o apoio dos membros da Associação dos Países do Sudeste Asiático (ASEAN)¹¹ como forma de manipular o bloco um contra o outro.

¹⁰ Em Dezembro de 1937 o exército japonês invadiu a capital sul da China (na época a China tinha duas capitais, Pequim e Nanquim), Nanquim e em apenas alguns dias a tomou. Não há precisão de quantas pessoas foram vitimadas, mas calcula-se em torno de 340 mil mortos só do lado chinês. Mas não é só pelo número de mortos ou a velocidade com que o exército japonês tomou a cidade que deram tal nome ao fato. O nome Estupro de Nanquim vem do fato dos japoneses terem estuprado as mulheres da cidade com os mais diversos objetos (baionetas, cenouras, galhos...) em uma demonstração de total poder sobre a população e de um sadismo assustador (Henshall, 2005 e Sakurai, 2008).

¹¹ Bloco formado por Tailândia, Filipinas, Malásia, Cingapura, Indonésia, Brunei, Vietnã, Mianmar, Laos e Camboja (os antigos Tigres Asiáticos) com o objetivo de fortalecerem-se. Apesar de reunir países que sozinhos

No Brasil, a economia encontra-se estável graças a um processo de manutenção parcial¹² das políticas econômicas do governo Fernando Henrique Cardoso (FHC) pelo governo Lula e é o foco das campanhas eleitorais de 2010 dos dois principais candidatos à presidência da república. Cada vez mais é importante para aqueles que desejam um cargo político no país que saibam apresentar dados estatísticos e econômicos comprovando que o país se desenvolverá – mesmo que a maioria da população não entenda exatamente do que se tratam os números e gráficos.

Isso porque a própria economia é um símbolo de força do Estado. A economia é um dos poderes dos Estados e no atual momento (capitalista) tem status de um dos principais poderes (outros sendo poder bélico e poder político) que um Estado tem que possuir caso deseje aspirar a ser um *vital-player*. Sua função não é só para se fortalecer externamente. Uma economia estável é o que possibilita o crescimento interno do Estado e uma melhor qualidade de vida para sua população.

1.3 O Equilíbrio Globalização – Nacionalismo

Tanto a Globalização quanto o Nacionalismo fazem parte da vida de um Estado-Nação. A forma com que cada Estado lida com as duas variáveis é o que determina como ele será visto no cenário internacional. Optar pelo maniqueísmo e adotar uma postura extremista, prova-se cada vez mais difícil e perigoso para o Estado.

No momento de dificuldade financeira, de vulnerabilidade, do sentimento vergonha se sobrepondo ao nacionalismo, a população busca uma figura messiânica, um líder que guie os mais fracos. O Nazismo de Hitler serve como exemplo do quão perigoso pode ser optar por extremar um sentimento nacional. Hannah Arendt (1999) chamava a passividade da população alemã de “Banalidade do mal” e em uma linha similar a de Leonardo Da Vinci¹³ dividia a culpa dos participantes ativos com os passivos.

possuem pouca expressividade no cenário internacional, juntos são uma arma política da região. (<http://www.mundoeducacao.com.br/geografia/asean.htm>, visitado dia 30 de Agosto de 2010)

¹² Manutenção da política monetária e de juros altos (que atraem investidores).

¹³ “He who does not punish evil commands it to be done” (Aquele que não pune o mal, comanda que ele seja feito) – Leonardo Da Vinci (Tradução Livre)

Por outro lado, a crise da Grécia de 2010 serve como exemplo do quão perigoso é focar-se na globalização e deixar a economia do Estado nas mãos de especuladores estrangeiros. “A Goldman Sachs e outros bancos ajudaram o governo grego a mascarar a verdadeira extensão do seu déficit com o uso de derivativos para contornar os limites de déficit aceitos para países integrantes da União Européia” (DRUMMOND, 2010)¹⁴. Membro da União Européia (UE) mais por questões históricas do que por mérito econômico (o que causa indignação de países do Leste Europeu, como a República Tcheca¹⁵), a Grécia é um Estado que possui sérios problemas internos (como corrupção). Para conseguir manter-se no forte bloco europeu, a Grécia optou por pedir ajuda a empresas estadunidenses para “maquiar” seus dados econômicos. O resultado foi a crise que se desdobrou em 2010 e colocou a UE em situação delicada (e potencializada por ainda sofrer com os resquícios da crise estadunidense de 2009). Expulsar a Grécia demonstraria uma enorme fragilidade interna do bloco e enfraqueceria o Euro, então a UE votou um pacote de assistência à Grécia. Sem ter o que fazer, restou à Grécia aceitar os pacotes determinados pela UE, pacotes esses que interferiam diretamente com as políticas internas gregas (o que coloca sua soberania estatal em xeque).¹⁶

Esses fenômenos exigem novas maneiras de pensar sobre a política, a economia e a mudança cultural. Exigem também respostas criativas dos políticos e legisladores sobre as futuras possibilidades e formas de regulação eficaz e de responsabilidade democrática (HELD & MCGREW, 2001: 94).

No meio termo, encontram-se Estados como o Japão, a Alemanha e os Estados Unidos. Esses Estados são, na contemporaneidade, *vital players* das relações internacionais. São Estados que possuem forte economia e poder de negociação no cenário internacional. Alcançar o equilíbrio como eles fizeram não é fácil e depende de muitos fatores (símbolos nacionais, educação, estratégia, visão e persistência são apenas alguns deles). Também não é possível dizer que exista uma fórmula de como se alcançar o equilíbrio entre o global e o

¹⁴ Disponível em: <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI4294586-EI6609,00-Maquiagem+contabil+e+cinismo+financeiro+na+crise+da+Grecia.html>

¹⁵ País que teve que se adaptar as rigorosas regras de admissão do órgão (encontradas no site oficial da União Européia, http://europa.eu/legislation_summaries/glossary/accession_criteria_copenhagen_pt.htm). Uma comissão do bloco avalia o sistema econômico/financeiro dos candidatos com alto rigor para impedir a entrada de Estados com economia fraca, enquanto mantém países como a Grécia dentro do bloco.

¹⁶ O fato de a Grécia estar inserida na UE (bloco de integração regional mais desenvolvido) já diminuiria seu grau de soberania. Mas com a crise que se instalou, a soberania grega foi ainda mais afetada uma vez que dependeu da ajuda dos outros países membros e passou a ter que seguir uma série de regras para controlar sua economia e políticas públicas.

nacional, pois cada Estado possui uma cultura e uma população diferentes que o tornam singular. Mas mesmo sem uma fórmula, é viável, através do exemplo, se entender como foi possível para um determinado Estado alcançar o status que alcançou. Ao entender o exemplo, pode-se então buscar respostas para a questão de outros Estados sem esquecer as diferenças histórico-culturais.

A utilização dos símbolos e do orgulho nacional está presente na forma de governar dos três Estados (EUA, Japão e Alemanha), assim como a forte interação com diversas culturas e economias. A educação também é um foco dos três países porque é o que possibilita a formação da mão de obra especializada e capacitada, algo que as fortes companhias necessitam para continuarem a se expandir e conquistar mercados dentro e fora do Estado. As próprias empresas também investem no Estado, principalmente nos focos de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) que normalmente são encontrados nas grandes Universidades.

O foco dos países orientais fortes passa pela educação. Foi com o forte investimento na educação que a Coreia do Sul conseguiu seu desenvolvimento Pós-Guerra das Coreias. A China (país emergente) e Taiwan têm se focado muito na área de P&D e no domínio de *know-how* com isso suas empresas têm conseguido cada vez mais espaço no mercado internacional. Como resultado a empresa Taiwanesa Hon Hai passou a ser a primeira empresa no ranking de fornecedores de componentes eletrônicos no mundo (AGTMAEL, 2009 : 107).

O Japão, por ser oriental e ter iniciado seu processo de integração com o resto do mundo tardiamente, teve um processo de ascensão diferente do alemão ou do estadunidense, o que foi um fator complicador. Também se devem levar em conta, como fator complicador, os conhecidos problemas geográficos do arquipélago (falta de terra e desastres naturais). A mudança no país se inicia quando os nobres resolvem acreditar em um mutualismo Empresa-Estado. Assim, o Japão consegue lutar e alcançar uma posição de destaque no cenário internacional.

Capítulo 02: O Japão do Bakumatsu até o fim da Era Meiji

2.1 A Abertura dos Portos e a Restauração Meiji

Em Julho de 1853, os estadunidenses começavam suas investidas “semi-bélicas” em um pequeno arquipélago que, por vontade própria e pela proximidade com a China¹⁷, não era explorado como colônia européia. Este arquipélago era o Japão dominado por um general supremo ultranacionalista por geração, conhecido como *Shogun*. Os *Shogun* temiam que fosse feito com o Japão o que tinha sido feito com a China – dominada pelo Reino Unido e escravizada com a utilização do ópio.

Após quase 700 anos do poder centralizado nas mãos dos *Shogun*, o país começava a sentir os problemas de ser um país isolado, como o da fome, que assolou o país de 1833 a 1837, e foi motivo para pequenas rebeliões estourarem por todo o país. Tais rebeliões foram facilmente massacradas pelo poderio do *Bakufu*, mas suas conseqüências não. Os japoneses começavam a perder a fé na figura do *Shogun*. Os poucos conhecimentos que conseguiam chegar vindos do Ocidente ao Japão fascinavam os *damio* e os membros da classe dos comerciantes.

Em meados do século XIX, o xogunato tinha chegado à conclusão de que os ocidentais, provavelmente, não iriam deixar o Japão no seu isolamento. Porém, tendo visto o que estava a acontecer à China com as suas guerras do ópio induzidas pelos ocidentais, estava ainda mais determinado a mantê-los ao largo. Com o apoio de nacionalistas dedicados, ainda tentou evitar o debate da questão das relações com os ocidentais. Takano Choei (1804–1850) foi preso e depois obrigado a suicidar-se pela sua “audácia” em insistir na abertura do país ao contacto estrangeiro. Até mesmo a perspectiva de compromisso de Sakuma Shozan (1811–1864), que advogava uma mistura de pontos fortes japoneses e ocidentais e criou o lema “*Toyo no Dotoku, Seiyō no Gakugei*” (“Ética Oriental, Ciência Ocidental”), bastou para que fosse assassinado (HENSHALL, 2005 : 95).

Nações como Rússia (em 1792 e 1804), Reino Unido (1797, 1808 e 1818) e os Estados Unidos (1791, 1797, 1837, 1846 e 1849) tentaram negociar diplomaticamente que o Japão recuasse em alguns pontos das suas rigorosas leis contra os ocidentais. A principal questão

¹⁷ “A sorte do Japão foi que os britânicos e outras potências ocidentais tinham presas mais fáceis noutras paisagens [...] no mundo Antigo da China” (HENSHALL, 2005 : 110). O Japão tinha pouco a oferecer comparado a China no que diz respeito à matérias primas, terras produtivas e clima.

que os três países reivindicavam era a questão do reabastecimento dos seus navios em portos japoneses, algo negado em cada uma das ocasiões. Assim os estrangeiros que entrassem em território japonês (marítimo ou terrestre), com poucas exceções, eram expulsos (na melhor das hipóteses) ou executados. Os ultranacionalistas que apoiavam o *Bakufu* lançaram até mesmo um lema para tentar disseminar na população o ódio ao estrangeiro e este foi o “*Sonno Joi*” (“Reverenciemos o Imperador, expulsemos os bárbaros”) (HENSHALL, 2005).

Os Estados Unidos cansou de tentar convencer o Japão a abrir suas portas com a diplomacia pura e simples e em 1853 enviou o Comodoro Matthew Perry com quatro fragatas de ferro (que no Japão ficaram conhecidas como *Kuro Fune*, ou Navios Negros) à baía de Edo para coagir o *Shogun* a aceitar três imposições: “tratamento mais humano para os náufragos, abertura dos portos para aprovisionamento e fornecimento de combustível e uma idêntica abertura ao comércio” (HENSHALL, 2005 : 96). Mais chocante ainda para os japoneses foi o fato do Comodoro (junto com uma carta dos Presidente estadunidense para o Imperador japonês) ter apresentado o Imperador com uma bandeira branca. Ela deveria ser usada pelos japoneses quando ele retornasse para obter sua resposta no ano seguinte. A bandeira branca representava que o acordo seria aceito, mas ao mesmo tempo significava rendição (algo que feria o orgulho nacional).

Sem confiança em uma vitória e temendo que outras nações resolvessem aliar-se aos Estados Unidos numa eventual pilhagem, o *Shogun* aceitou os termos impostos quando o Comodoro Perry retornou em fevereiro de 1854 (com nove fragatas ao invés das quatro iniciais). No mês seguinte foi assinado o Tratado de Kanagawa que além das exigências anteriores, forçava o Japão a aceitar uma base consular estadunidense em seu território. O Tratado acabou por também abrir as portas para que Reino Unido, Rússia, França e Holanda instalassem consulados no país.

Como consequência direta da eficácia da “diplomacia canhoneira”¹⁸ implementada pelo Comodoro Perry, os outros Estados utilizaram-se dos mesmos artifícios para conseguir que fossem assinados tratados desfavoráveis para os japoneses. Em especial, o “direito de

¹⁸ Termo utilizado por Henshall e Sakurai para descrever a forma como o Comodoro Perry coagiu o Shogun Tokugawa a aceitar seus termos. Posteriormente é utilizado para descrever a política expansionista japonesa. É interessante notar que é uma diplomacia aplicada por um Estado mais forte em um mais fraco (Estados Unidos no Japão, Japão na China e na Coreia).

extraterritorialidade” (os estrangeiros seriam julgados por seus representantes consulares e não pelo governo japonês) e o status de “nação não civilizada”.

Satsuma e Choshu, os dois principais feudos, há muito desejavam extinguir o *Bakufu* e com o apoio dos nacionalistas (como o feudo de Tosa) que viram na Abertura dos Portos uma traição do *Shogun* obtiveram a oportunidade para alcançar o objetivo comum. Mesmo com tradicionais rivalidades (disputavam o favor da casa Imperial) se uniram para formar uma aliança que resultou na guerra pela restauração dos poderes do Imperador que ficou conhecida como o ponto máximo do *Bakumatsu*¹⁹ (fim do *Bakufu*, literalmente) Tokugawa, a Guerra Boshin (1868-1869). Os *Ishin Shishi* (Restauradores do Nacional também conhecidos como monarquistas) e os pró-*Shogun* (como os famosos Lobos de Mibu²⁰) lutaram tendo por trás grupos ocidentais interessados em lucrar com a instabilidade japonesa. Estadunidenses, franceses e ingleses auxiliaram o *Bakufu* diretamente em algumas oportunidades anteriores a Guerra (em especial nos meses de julho e agosto de 1864). Os Estados Unidos, porém, conseguiu antever o resultado do *Bakumatsu* antes dos outros e passou a fornecer armamento à aliança de Satsuma e Choshu.

¹⁹ Os historiadores consideram que o *Bakumatsu* compreende o período desde 1853 até 1869, sendo os anos de 1868 e 1989 também os dois primeiros anos da Era Meiji, uma vez que 1868 é o ano da Meiji Isshin (Restauração Meiji).

²⁰ Como era conhecido o Shinsengumi, um grupo de *ronin* (samurai sem senhor) que lutou em Kyoto para exterminar os adeptos da Restauração na cidade de Kyoto. O apelido de Lobos de Mibu vem da ferocidade com que estes samurais empunhavam suas espadas para matar e da origem do grupo ser de Mibu.



(Disponível no site: <http://en.wikipedia.org/wiki/File:BoshinCampaignMap.jpg>)

O mapa anterior demonstra o desdobramento da Guerra Boshin com o avanço das tropas Monarquistas (Ishin Shishi) e o recuo das tropas do *Shogun*. A batalha de Toba e Fushimi (27 a 31 de janeiro de 1868) foi considerada a principal vitória dos Monarquistas, enquanto a batalha de Hakodate (20 de outubro de 1868 até 17 de maio de 1869) foi considerada o ponto final da guerra. Os franceses foram aliados do *Bakufu* até o fim, enquanto Estados Unidos e Reino Unido souberam se aliar ao lado vencedor. Assim o poder do jovem Imperador Matsuhito (que tinha apenas 15 anos na época da *Meiji Isshin*, ou Restauração Meiji) foi restaurado e ele recebeu o nome de Meiji.

A Era Meiji²¹ tem início e como o Imperador ainda era muito jovem e na sua vivência palaciana não conhecia o que era comandar o país (uma vez que por cerca de 700 anos o Imperador era apenas um símbolo nacional desprovido de poder), foi formado um Conselho para “auxiliar” (manipular) o Imperador. O Conselho contava com representantes dos

²¹ Os nomes das eras no Japão refletem o que se espera do Imperador que assume. Com a morte de um Imperador, acaba-se uma era e inicia-se outra. A título de curiosidade, Meiji significa “poder iluminado”. A era representada pelo Imperador Hirohito, ironicamente, possui o nome de Showa (Paz Ilustre).

principais feudos que lutaram na guerra pela restauração (Satsuma e Choshu principalmente, mas com alguns membros de Tosa e Hizen). Os quatro principais nomes do Conselho foram Okubo Toshimishi e Saigo Takamori de Satsuma, e Ito Hirobumi e Aritomo Yamagata de Choshu.

Okubo tornou-se o Ministro do Interior (uma posição equivalente ao primeiro-ministro), Aritomo Yamagata tornou-se Ministro do Exército logo que se firmou o governo. Saigo Takamori foi (e é) considerado o último dos samurais²² já que com o edito que eliminava a classe dos samurais e proibia o porte de espadas, ele perde a fé no direcionamento que o Japão tomava e se revoltou contra o governo no ano de 1877. Como resultado acabou morrendo (ele cometeu o *harakiri*, corte da barriga literalmente, suicídio ritualístico samurai). Seu amigo e conterrâneo, Okubo foi assassinado um ano depois por um revoltoso de Satsuma que o tinha como traidor. A morte de Okubo permitiu a ascensão de Ito Hirobumi (por duas vezes primeiro ministro do Japão após reformas políticas).

A população ainda temia uma nova onda de conflitos armados e o aumento da influência ocidental no país, então apenas 3 meses após a Restauração, o Imperador e os seus conselheiros criaram a “Carta de Juramento”.

- A discussão pública de “todos os assuntos”;
- A participação de todas as classes na administração do país;
- Liberdade para todos se dedicarem à sua ocupação preferida;
- Abandono dos “procedimentos errados do passado” (não especificados);
- Procurar obter conhecimento em todo o mundo para fortalecer o país (ou, mais literalmente, “para fortalecer as bases do poder imperial”) (Henshall, 2005 : 108 – 109)

Junto com a carta o Japão passou a adotar o modo de pensar que o caracterizaria desse momento em diante, o “*Wakon Yasai*” (“Espírito Japonês, Ensino Ocidental” / muito parecido com o pensamento do Sakuma Shozan) e a opção por ter apenas uma capital (até então eram duas: Kyoto e Edo) que passaria a ser chamada de *Tokyo* (Capital Oriental) para onde o Imperador se mudou em 1869.

Em 1871, os feudos foram extintos do território japonês e em no lugar surgiram as Prefeituras (estados) que existem até a contemporaneidade. Com o território organizado e como parte do *Wakon Yasai*, Ito Hirobumi foi enviado aos Estados Unidos para aprender

²² O filme “O Último Samurai” de 2003 conta o capítulo final da história do Takamori (A Revolta de Satsuma de 1877), porém no filme utilizam o nome de Katsumoto.

como funcionavam os sistemas monetários internacionais. Dois anos depois, foi realizada uma reforma no sistema de impostos para que quem possuísse mais terras, pagasse mais transferindo o controle das propriedades dos grandes senhores para os chefes das famílias.

Com exceção de Saigo, agora morto, o novo governo encarou a ocidentalização como um elemento chave na modernização do país. A ocidentalização tornaria o Japão mais forte, mais capaz de competir com as potências estrangeiras e, talvez, de se equiparar a elas ou de as suplantar. Um dos muitos lemas dessa época era "*oitsuke, oikose*", ou seja, "alcança, ultrapassa". Um Japão ocidentalizado seria levado mais a sério pelo ocidente, e o Japão desejava muito ser levado a sério. Não gostara da humilhação dos "tratados desiguais" assinados durante a agonia do xogunato e tinha uma grande vontade de que fossem revistos. Queria ser tratado como igual ou, idealmente, como superior (HENSHALL, 2005 : 114).

A literatura ocidental invadiu o Japão, que muito focado em educação possuía um crescente número de cidadãos bilíngües (e até mesmo políglotas). Goethe, Darwin, Rousseau e Spencer agradavam muito aos japoneses. Em especial, Spencer foi consultado pelo governo japonês sobre o que ele achava do Japão. Sua resposta foi que os japoneses deveriam tomar cuidado e manter distância dos estadunidenses e britânicos (sendo que o próprio Spencer era britânico).

O governo japonês enviou várias missões para o exterior e junto com os políticos sempre enviavam alunos (*Wakon Yasai* para *oitsuke, oikose*), sempre pensando no bem nacional como objetivo (HENSHALL, 2005 e YAMASHIRO, 1986).

Mas em determinado ponto, o governo notou que com a crescente interação com o mundo precisaria de mais símbolos para sustentar o nacionalismo para as gerações mais novas. O primeiro símbolo teria que ser a educação, os jovens estudantes conheceriam o sentimento nacional dentro das salas de aula. Como em 1872 já havia sido aprovada uma lei que baniu o analfabetismo²³, o governo incluiu na ementa aulas sobre valores nacional-xintoístas e canções que elevavam a moral japonesa. Além disso, todo cabeçalho deveria conter a bandeira japonesa para estimular a associação Japão-Indivíduo. No final do século, o governo resolveu ainda criar um escrito que fosse mais veemente ao destacar e exaltar a história Japonesa e seus símbolos nacionais (principalmente a figura do Imperador e o Xintoísmo) que foi chamado de "*Rescrito Imperial sobre a Educação*" (HENSHALL, 2005 : 120 e YAMASHIRO, 1986 : 187).

²³ YAMASHIRO, 1986, página 185.

Outro ponto revisto pelos japoneses foi o dos direitos humanos. O governo considerava que uma vez que demonstrasse tratar as pessoas da mesma forma que os ocidentais, o Japão estaria mais próximo de ser tratado como semelhante pelos ocidentais e conseguiria revisar os “tratados desiguais” assinados no período do *Bakufu* Tokugawa. Os ocidentais por sua vez sinalizavam que pouco adiantaria “aparentar” ser um defensor dos direitos humanos, uma vez que o Japão era um Estado Xintoísta que havia banido o Cristianismo (dando a entender que para ser um Estado do mesmo nível dos ocidentais, precisaria aliar democracia e a fé cristã). Atendendo à vontade ocidental, o Japão liberou o culto cristão, mas ao longo da era Meiji o percentual da população que aderiu à religião era de cerca de 1% (HENSHALL, 2005).²⁴

A democracia implementada era chamada por Henshall de “democracia-autoritária”, onde os oligarcas controlavam os dois maiores partidos *Jiyuto* (Partido Liberal)²⁵ e o *Rikken Kaishinto* (Partido da Reforma Constitucional). O líder do *Rikken Kaishinto*, Okuma Shigenobu, desejava implementar no Japão um sistema político parlamentar nos parâmetros britânicos, enquanto Ito Hirobumi, principal membro do *Jiyuto*, desejava um sistema político ao estilo germânico. Em outras palavras, o partido a favor de uma reforma constitucional era a favor de que a forma de governo se assemelhasse àquela do Reino Unido, enquanto os membros do Partido Liberal preferiam o modo de governar da Alemanha.

Ito era o homem forte do governo (foi o primeiro a assumir o cargo de primeiro ministro propriamente dito em 1885) e possuía o apoio do setor militar (uma vez que este também sofria influência germânica). O sistema legal do país acabou seguindo o mesmo viés e foi estruturado a partir do pensamento alemão em detrimento do pensamento britânico. Para Henshall, isso já sinalizava para que lado penderia o Japão caso estourasse uma guerra já que a maior parte do governo era pró-germânico.

Em 1888 foi criada a Dieta (o parlamento japonês bicameral). Na Câmara Alta (dos Pares) ficavam nobres eleitos por nobres ou indicados pelo Imperador enquanto a Câmara Baixa (dos Representantes) que tinha seus representantes eleitos pelo voto popular.²⁶ Em

²⁴ É interessante notar que mesmo que tenha se tornado moda no Japão os trajes de casamento ao estilo católico, o normal é que estes sejam usados apenas para a sessão de fotos após o casamento budista ou xintoísta.

²⁵ Esse não é o Partido Liberal que comandou o Japão do Pós-1945 até 2008. Na história japonesa existiram 3 grandes Partidos Liberais.

²⁶ Por voto popular deve ser entendido voto de adultos do sexo masculino que pagavam mais de 15 ienes de impostos por ano. Quinze ienes que no ano de 2010 seria equivalente a R\$0,31 (segundo consulta ao BACEN), na século XIX era considerado uma fortuna que apenas 2% da população adulta podia pagar.

1890 aconteceu a primeira eleição para os representantes da Dieta e em novembro do mesmo ano eles se reuniram. Foi neste mesmo ano que o “*Rescrito Imperial sobre a Educação*” foi realizado.

Os oligarcas viam seu poder ameaçado e questionado pelos membros da Câmara dos Representantes e durante os primeiros anos de “democracia”, corrupção e assassinatos²⁷ fizeram com que o Japão fosse visto como um país ainda muito autoritário e como forma de tirar o foco das políticas internas o Japão começou a intensificar suas investidas internacionais.

Por investidas, podia-se entender investidas militares já que no período de 1894 até 1905 o Japão entrou e venceu duas guerras (a Primeira Guerra Sino-Japonesa e a Guerra Russo-Japonesa).

Política, educação, religião... O Japão se mostrou disposto a aprender e a tolerar as práticas ocidentais, mas, talvez, as duas áreas que mais interessaram e nas que os japoneses mais conseguiram se destacar foram a economia (foco da segunda metade do capítulo) e a “diplomacia canhoneira”.

O primeiro foco Japonês foi a Coréia (por sua posição geoestratégica de entrada para a Ásia continental e em 1876 aconteceu a primeira investida ao Reino Coreano, como resultado o Japão impôs o Tratado de Kangwa (muito parecido com os Tratados impostos pelo ocidentais ao Japão com privilégios comerciais e direito de extraterritorialidade).

O Japão não tinha interesse em guerrear com países que considerasse mais fortes, mas a China do ópio não era considerada forte (possuía um passado respeitável, mas naquele momento era um Estado decadente desestruturado pelos ocidentais) e por isso não se importava quando em abril de 1894 o Rei da Coréia pediu ajuda à China. A Guerra Sino-Japonesa começou meses depois (em agosto).

Com superioridade tanto na terra quanto no mar, os japoneses venceram a guerra em menos de um ano e forçaram os chineses a assinarem o Tratado de Shimonoseki que permitiu aos japoneses anexarem os territórios de Formosa (atualmente Taiwan), Liaodong e Guandong (ao sul da Manchúria). O Tratado ainda forçava os chineses a reconhecerem que o controle japonês sobre o Reino da Coréia e a pagarem uma grande indenização.

²⁷ Caso das Eleições de 1892, quando 25 pessoas morreram e de forma questionável Matsukata Masayoshi foi eleito primeiro ministro apenas para abdicar após alguns meses no poder em favor de Ito (HENSHALL, 2005).

A população japonesa estava satisfeita com o resultado, mas a Rússia estava extremamente descontente com a vitória japonesa. O Czar Nicolau II desejava anexar os territórios de Liaodong e por isso recorreu à Alemanha e França para formar a Aliança Tripartida e negociar com o Japão que este reivindicasse seu direito ao território pelo bem da estabilidade da região. Como já dito anteriormente, o governo japonês possuía uma forte simpatia pelos germânicos e para não se indispor com as Nações ocidentais decidiu decepcionar sua população (que era mais fácil de controlar). Cedeu e retornou o território aos chineses apenas para assistir com indignação em 1898 a Aliança Tripartida dividir a China em regiões de domínio próprio, tendo a Rússia ficado com o território Liaodong.

O Japão em 1898 já tinha conseguido, devido em grande parte à sua demonstração de poder na Guerra Sino-Japonesa, reverter os “tratados desiguais” assinados na *Bakufu* Tokugawa, mas isso não foi o suficiente para acalmar a população japonesa que ainda estava revoltada com o caso de Liaodong.

A instabilidade interna era tão grande que no período de 1896 até 1901 assumiram o poder 7 primeiros ministros diferentes. A situação se acalmou quando Katsura Tao assumiu o poder em 1901. Como discípulo de Aritomo Yamagata, possuía uma visão militarista da política e via como meio para sanar a insatisfação interna entrar em guerra com o país que tinha “enganado” o Japão.

Ito ainda tentou negociar com a Rússia e com Katsura para que fosse assinado um tratado no qual a Rússia reconhecesse o direito japonês pela Coréia e o Japão reconhecesse o direito russo pela Manchúria, mas tanto Katsura (e seu mestre Yamagata) quanto o governo russo não aceitaram a proposta.

Katsura estava determinado a ir à guerra. Para tal, em 1902 conseguiu uma inédita aliança (em pé de igualdade, a primeira entre uma nação ocidental e uma não ocidental, segundo Henshall) com o Reino Unido. A aliança Anglo-Japonesa não reconhecia os direitos japoneses à Coréia ou mesmo que os britânicos lutassem ao lado dos japoneses, caso fosse necessário, mas tornava improvável que outro país ocidental resolvesse se aliar a Rússia.

A Guerra Russo-Japonesa estourou no início de 1904 e se estendeu até a metade final de 1905. Os japoneses mantiveram o orçamento militar em 50% do total (HENSHALL, 2005)

desde a Guerra Sino-Japonesa e por isso foram capazes de enfrentar e vencer a Rússia Czarista.²⁸ Henshall fala de cerca de 70 mil mortos para cada lado.

Ao fim da guerra, o presidente Theodore Roosevelt (dos Estados Unidos) foi chamado para mediar o acordo de paz entre os dois países. O Tratado de Portsmouth foi assinado e o Japão ganhou reconhecimento dos seus interesses na Coréia, o direito de arrendamento de Liaodong e a anexação de metade da Ilha de Karafuto (conhecida no ocidente como Ilha de Sacalina).

O Japão queria ainda uma grande indenização como a obtida após a Guerra Sino-Japonesa, mas não conseguiu (mais uma vez deixando a população descontente). Por outro lado, conseguiu o respeito internacional ao ser a primeira Nação Asiática a vencer uma Nação Ocidental, além de ter oficializado seus interesses na Coréia ao convencer o Rei a torná-la um protetorado japonês.

No mapa a seguir é possível ver como ficou o Japão ao longo do seu período expansionista. O território japonês Pós-Guerra Russo-Japonesa é o somatório dos territórios em bege e verde.

²⁸ A vitória japonesa da guerra é tida como um dos fatores que levaram à Revolução Russa (Henshall, 2005 e Sakurai, 2008).



O Japão passou a figurar no mapa dos países europeus com mais destaque não só por causa das vitórias no campo bélico, as grandes *Zaibatsu* eram tão ferozes na economia quanto os militares japoneses na sua “diplomacia canhoeira”.

O Imperador Meiji morreu em 1912 e com a sua morte acabou a Era Meiji e se iniciava a breve era Taisho (“Grande Integridade” / de 1912 a 1926). Apenas 3 anos antes da sua morte um dos aclamados escritores da época, Natsume Souseki, escrevia “*Sore Kara*” (“E Depois”) e em um de seus trechos parecia profetizar com negativismo o futuro japonês: “É como uma rã que tenta ser tão grande como uma vaca. É claro que, não tarda, irá rebentar” (MCCLELLAN, 1969 adpud HENSHALL, 2005 : 140).

Seu pessimismo, porém, era compartilhado por uma minoria da população. O povo pensava mais como Tayama Katai, que optou por ressaltar o nacionalismo que a Era Meiji trouxe para o povo japonês:

Quem poderia deixar de emocionar-se até às lágrimas com a vida ilustre de sua Majestade o imperador Meiji, Matsuhito, o Grande, Senhor da Restauração, que, apesar de ter sido entronizado na adversidade, superou todos os obstáculos e

²⁹ Disponível no site: <http://brian.hoffert.faculty.noctrl.edu/HST165/18.MeijiRestoration.html> (Visitado diversas vezes em Agosto de 2010)

perigos para conduzir o Japão à condição de que hoje goza, de nação maravilhosa no concerto internacional? [...] Participei na guerra com a Rússia como membro de uma unidade de fotografia. Assisti à terrível manifestação do augusto e virtuoso poder do imperador, à medida que se difundia. Saltei de alegria quando vi a bandeira do Sol Nascente flutuando sobre os redutos inimigos em Chin-Chou e Nanshan e senti como o sangue das minhas veias também era sangue japonês. Ideologicamente, sou um livre-pensador, mas o meu espírito é o de um nacionalista japonês (KATAI 1917/1987 adpud HENSHALL, 2005 : 140-141).

Capítulo 03: Economia e o Símbolo Nacional Mitsubishi

3.1 A Economia Japonesa na Era Meiji

Como visto no segundo capítulo, o Japão passou por diversas mudanças na Era Meiji, mas ainda falta falar do fator que viabilizou tantas vitórias na política e nas guerras: a economia. É à economia que foi creditada a capacidade de alcançar as potências ocidentais e com uma velocidade que acabou dando o nome de “Milagre Econômico Japonês” a esse período (posteriormente sendo chamado de Primeiro Milagre Econômico Japonês, já que a recuperação Pós-II Grande Guerra também recebeu o nome de Milagre Econômico Japonês).

Ao fim do *Bakufu* Tokugawa cerca de 75% da população vivia no campo. (BENAYON, 2005) Por isso, a base econômica do início da Era Meiji foi a agricultura. Ao longo da Era a economia cresceu em média 1,7% ao ano graças aos investimentos do Estado em pesquisas sobre adubo, seleção de sementes e condições climáticas. Apesar de o governo continuar investindo na agricultura, sua importância no crescimento econômico do país decresceu ao longo da Era Meiji e foi dando lugar às indústrias (BENAYON, 2005).

A extinção das classes como *damio* e samurai obrigaram o governo a indenizar os membros delas, uma vez que o governo Meiji tinha uma “dívida de honra” com aqueles que lutaram pelo que acreditavam ser o melhor para o país (para que o regime Imperial fosse restaurado). A indenização foi paga, na sua maior parte, na forma de títulos públicos.

A industrialização nesse período foi dificultada pelo controle ocidental sobre as taxas alfandegárias, obtido a partir dos “tratados desiguais”. Mas o governo utilizou os impostos sobre a propriedade e o sistema de venda de títulos públicos (com conversão de títulos com juros superiores a 5% ao ano em bônus de consolidação com prazo, estipulado por sorteio, de 5 a 50 anos) para cidadãos japoneses (não interessava ao Japão ter países ocidentais direcionando a sua economia).

A extinta classe dos samurais foi estimulada pelo governo a tomar empréstimos com os bancos japoneses para financiar a criação de indústrias, principalmente no setor de base e bélico (como construção naval e mineração), dando os títulos como garantia. É nesse

momento que nasciam duas das principais *Zaibatsu*, a Yasuda e a Mitsubishi, e que se destacaram nacionalmente as outras duas, a Mitsui e a Sumitomo.

Falar da economia Meiji é falar das *Zaibatsu* e falar das *Zaibatsu* é falar de nacionalismo, visão de futuro e vontade de aprender e inovar. *Zaibatsu* quer dizer “Plutocrata” literalmente, mas é entendido como “Clique Financeiro” (termo utilizado por Benayon, 2005 e Henshall, 2005) e foi o nome dado às principais empresas japonesas do Japão Pré-II Grande Guerra. Muito similares as contemporâneas corporações, as *Zaibatsu* possuíam vários “braços” tendo atuações fortes nos mais distintos setores da economia e na política.

A cultura japonesa e o alto nível do ensino são fatores a serem considerados na escalada econômica da Era Meiji. A obediência e o alto nível de instrução da população tornavam possível que as mega-empresas, as *Zaibatsu*, pudessem utilizar o potencial máximo dos seus funcionários.

O governo estimulava (muitas vezes dando bolsas) os alunos a irem para os países ocidentais mais desenvolvidos para aumentar seus conhecimentos e voltarem para trabalhar nas *Zaibatsu*. Para controlar a economia e auxiliar (muitas vezes subsidiando) as *Zaibatsu*, o governo criou em 1882 o seu banco central (o Banco do Japão). Oito anos depois, com o acúmulo de capital referente à vitória na I Guerra Sino-Japonesa, criou o Banco Industrial do Japão, que destacou-se em empréstimos para as *Zaibatsu* e outras empresas nacionais de grande porte.

Outro passo importante foi permitir o uso de mão de obra feminina, que no geral o custo era bem inferior do que contratar a mão de obra, mais instruída, dos homens (também se deve levar em conta o machismo japonês que desvalorizava a mão de obra das mulheres).

O capital estrangeiro era desencorajado a investir em projetos solo em território japonês, mas tornou-se prática comum juntarem-se empresas ocidentais (com capital e *know-how*) e *Zaibatsu* (com mão de obra e instalações físicas no país, sem falar nos direitos a subsídios). Um exemplo é o da Toshiba que nasceu dos interesses comuns da *Zaibatsu* Mitsui e a empresa estadunidense General Electric em 1900. Os investidores estrangeiros consideravam que investir no Japão seria como investir nos outros países asiáticos, mas os japoneses não aceitavam ser apenas instrumentos de inserção no mercado interno.

Vários ocidentais que haviam visitado o Japão, no século XIX, comentaram desairosamente a falta de hospitalidade dos japoneses para com os investimentos estrangeiros. Criticavam o Japão como protecionista e mercantilista e argumentavam que o desenvolvimento era dificultado pelos esforços do governo para impedir a entrada de capital estrangeiro no país. O efeito foi exatamente o oposto (MOULDER, 1977 adpud BENAYON, 2005 : 85).

De fato o efeito foi o oposto do que as potências ocidentais esperavam (e desejavam). Como pode ser visto na tabela a seguir o protecionismo japonês foi o que permitiu que as indústrias japonesas crescessem e se tornassem competitivas antes de entrarem no cenário internacional.

Tabela 01 – Comércio Internacional Japonês de 1877 até 1900 (unidade = milhares de ienes)

Anos	Exportações		Importações		
	Iniciativa Privada Japonesa	Iniciativa Privada Estrangeira	Governo Japonês	Iniciativa Privada Japonesa	Iniciativa Privada Estrangeira
1877	842 (4%)	21.689 (96%)	410 (1%)	426 (1%)	26.995 (97%)
1880	4.486 (16%)	23.020 (84%)	665 (2%)	1.939 (5%)	35.031 (93%)
1885	3.394 (10%)	31.390 (90%)	1.258 (4%)	2.345 (8%)	25.725 (88%)
1890	6.124 (11%)	48.768 (89%)	1.174 (1%)	19.522 (24%)	61.033 (75%)
1895	26.329 (20%)	107.188 (80%)	2.000 (2%)	38.829 (30%)	88.432 (68%)
1900	73.382 (37%)	124.682 (63%)	1.091 (0%)	112.737 (39%)	173.434 (60%)

(HAMON, 1995 : 44)

O crescimento econômico japonês foi de cerca de 2% ao ano nos primeiros 30 anos da Era Meiji (1868 a 1900) e nos seus anos finais atingiu o nível de quase 3% (aproximadamente 2,86% ao ano, segundo BENAYON, 2005; HENSHALL, 2005). A Tabela 01, portanto, representa o início da reversão da situação Pós-Bakumatsu Tokugawa e o crescimento da dependência japonesa das importações (principalmente das matérias primas abundantes na China e nas colônias européias, mas escassas no território japonês).

A situação tornou-se ainda mais favorável ao longo dos últimos 12 anos da Era Meiji (principalmente devido à vitória na Guerra Russo-Japonesa) e nos anos da Era Taisho. É quando os reflexos políticos e econômicos positivos começaram a formar no povo japonês um extremismo nacionalista que na Era Showa culminou na entrada, ao lado do Eixo, na II Grande Guerra e na quase aniquilação do país.

3.2 O Símbolo Nacional: *Zaibatsu* Mitsubishi

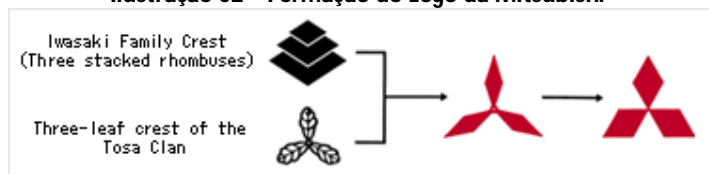
Ilustração 01 – Logo da Mitsubishi



A *Zaibatsu* Mitsubishi entrou tardiamente no jogo das grandes empresas japonesas (em 1870), mas seu fundador, Iwasaki Yataro, tinha visão e era um nacionalista que sabia como conquistar mercados.

Iwasaki nasceu no feudo de Tosa e apesar de ser da classe dos samurais, mesmo antes da *Meiji Isshin*, trabalhava no meio comercial. Tosa foi um dos primeiros feudos a negociar com os ocidentais e tinha uma forte empresa de construção naval, onde Iwasaki trabalhava. Ele trabalhou com muito destaque no setor de transações comerciais de Osaka e em 1870 conseguiu acumular capital suficiente para, somado ao incentivo do governo, criar uma empresa que conseguisse se adaptar ao “novo Japão Meiji”. O logo foi criado a partir da junção do brasão do Clã de Tosa (do feudo de Tosa) e da família Iwasaki (como pode ser visto na ilustração abaixo). O nome da empresa, Mitsubishi, significa três diamantes e cada um desses diamantes representa os três princípios da *Zaibatsu*: “*Shoki Hoko*” (Responsabilidade Social), “*Shoji Komei*” (Integridade e Justiça) e “*Ritsugyo Boeki*” (Entendimento Internacional através do Comércio).

Ilustração 02 – Formação do Logo da Mitsubishi³⁰



Com visão, Iwasaki conseguiu diversificar os serviços prestados pela sua empresa. Construção naval e correio marítimo foram os primeiros serviços oferecidos, mas ao longo

³⁰ Retirado do site: www.mitsubishi.com (Visitado no diversas vezes entre Dezembro de 2009 e Agosto de 2010)

da Era Meiji se expandiu para os setores de mineração, bancário, fornecimento elétrico, tecnologia entre muitos outros. Foi a visão de Iwasaki que permitiu que a Mitsubishi fosse a primeira empresa japonesa a estabelecer uma rota fixa de comércio internacional (com a China).

Em apenas três anos de existência a Mitsubishi já dominava o comércio marítimo, o que desagradava britânicos e estadunidenses. Temendo um aumento das frotas desses países na região, o governo japonês criou a *Daiichi Meireisho* (ou Primeira Diretriz de Transportes Marítimos), que daria à Mitsubishi subsídios no valor de 250 mil ienes anuais por um período de 15 anos. Além disso, dissolveu a estatal Nipponkoku Yuubin Joukisen Gaisha (ou Companhia Japonesa de Mensageiros Marítimos a vapor, conhecida pela sigla N.Y.J.) e vendeu à Mitsubishi seus 18 navios. Como resultado, no prazo de um ano, a Mitsubishi quadruplicou seu número de navios alcançando o número de 61 enquanto as outras empresas no seguimento possuíam entre 2 e 15 navios. “A vitória da Mitsubishi a colocou em contato direto com o Estado, porque o comércio marítimo era uma infraestrutura econômica vital para uma nação marítima, como o Japão” (HAMON, 1995 : 43, tradução livre).

A política na Era Meiji era ainda muito ligada às oligarquias feudais e os presidentes das *Zaibatsu* mantinham os laços de fidelidade e interesse com essas oligarquias e seus feudos. É compreensível então que as *Zaibatsu* tenham buscado apoio quando precisavam de subsídios nos partidos que tinham como representantes oligarcas de origem ou que defendessem os seus feudos de origem.

Segundo Hamon, as três *Zaibatsu* mais importantes tinham como representantes: Inoue Kaoru (uma vez Ministro do Interior, uma vez dos Assuntos Externos e uma vez das Finanças) pela Mitsui, Okuma Shigenobu (duas vezes Primeiro Ministro e presidente do *Rikken Kaishinto*) pela Mitsubishi e Saonji Kinmochi (duas vezes Primeiro Ministro) pela Sumitomo. Inoue classificava essa representação como “Os Deuses dos comerciantes políticos” (HAMON, 1995: 82, tradução livre).

Em 1884, uma disputa política entre os partidos *Rikken Kaishinto* e o *Jiyuto* quase fez com que Iwasaki rompesse com o governo japonês. O *Rikken Kaishinto* rompeu sua aliança com o *Jiyuto* por não aceitar que o controle da nação devesse permanecer no eixo Satsuma-Choshu. Por trás do *Jiyuto* estava a grande concorrente por prestígio da Mitsubishi, a Mitsui,

enquanto Iwasaki era partidário do Rikken Kaishinto. Utilizando o jornal como fonte disseminadora de idéias, o *Jiyuto* lançou uma campanha para “destruir o partido de hipócritas e liquidar o senhor dos mares” (HAMON, 1995 : 51, tradução livre). Pouco tempo depois, Iwasaki deu a sua resposta no mesmo meio: “Muito bem, eu fui denunciado como um traidor da pátria! Se esta é a direção do governo, então eu não vou deixar um dos meus navios. Vou reuni-los a 300 km da costa, acenderei uma fogueira com eles, e vou doar o resto dos meus bens para o Partido Liberal, de modo que isso irá levar à derrubada imediata do governo de Satsuma e Choshu” (HAMON, 1995 : 51).

A situação entre Iwasaki e o *Jiyuto* não teve muito tempo para tomar o rumo do divórcio Mitsubishi-Governo uma vez que Iwasaki morreu no ano seguinte. Não seria prudente imaginar, de qualquer modo, que o medo de perder os benefícios obtidos junto ao governo impediria Iwasaki de romper com o governo. Iwasaki vivia pelo *bushido*, pelo espírito samurai. Sua honra, a honra da sua empresa e a lealdade ao seu feudo de origem (mesmo que já extinto formalmente) valiam mais do que o governo poderia pagar.

A rivalidade Mitsubishi-Mitsui já estava muito forte desde que a Mitsui entrou no ramo de transporte marítimo. Junto com outras empresas menores fundou a Kyoudou Unyu Kaisha (ou Companhia Comum de Transporte, conhecida pela sigla de K.U.K.) em 1882 e “roubou” uma fatia do mercado da Mitsubishi. Nos 3 anos seguintes uma feroz guerra por mercado gerou prejuízos para os dois lados. A Mitsubishi conseguia balancear os seus prejuízos no setor com seus outros “braços” (como pode ser visto na tabela abaixo).

Tabela 02 – Repartição dos lucros da Mistubishi entre 1883 e 1885

<i>Atividade / Ano</i>	1883	1884	1885
<i>Transportes Marítimos</i>	X	X	X
<i>Atividades Relacionadas (Armazéns, conserto de navios)</i>	13,30%	23,50%	12,10%
<i>Carvoarias de Takashima</i>	54,60%	87,00%	91,60%
<i>Minas de Cobre de Yoshioka</i>	0,30%	0,10%	8,10%
<i>Estaleiros de Nagasaki</i>	-	8,30%	9,30%
<i>Subsídios do Governo</i>	40,30%	55,30%	36,70%

(HAMON, 1995 : 59)³¹

³¹ Segundo o autor, o total é maior que 100% devido ao déficit do setor de transportes marítimos que não é apresentado por ele. Usando a matemática simples e supondo que o déficit é o excedente aos 100% (dado que esta foi a explicação dada pelo autor), o percentual do déficit em relação ao lucro ficaria em torno de 8,5% em 1883, 74,2% em 1884 e 57,8% em 1885.

Após três anos tendo que subsidiar fortemente a Mitsubishi e a K.U.K., o Ministro de Agricultura e Comércio (Saigo Tsugumichi) reuniu representantes das duas empresas. Na reunião ficou decidido que “as duas empresas assinariam um código de boa conduta que determinava rigorosamente as tarifas de transporte, horários de início de serviços, contratação de tripulações e dos comissários nomeados por cada uma” (HAMON, 1995 : 59).

Com as regras mais rigorosas a Mitsubishi resolveu se juntar a K.U.K e fundar a Nippon Yusei Kaisha (ou Companhia Japonesa de Correio Marítimo, conhecida pela sigla N.Y.K) em 1885 e juntos comandaram o mercado. Para Hamon, a sociedade com a K.U.K. representou a passagem da Mitsubishi “do mar para a terra”.

A Mitsubishi *Zaibatsu* passou a ser dividida em 5 setores principais: Kogyo-bu (Divisão de Mineração), Ginko-bu (Divisão Bancária), Zosen-bu (Divisão de Construção Naval), Shomu-bu (Divisão de Assuntos Gerais) e Jisho-ka (Setor Imobiliário). Esses eram controlados de perto por diretores que reportavam diretamente ao Fuku-Shachou (Vice-Presidente) e Shachou (Presidente). Na década de 90 do século XIX, a economia japonesa (e não simplesmente a *Zaibatsu* já rivalizava com a ocidental, mas uma diferença ainda era muito clara:

Na década de 1890, os capitalistas japoneses conseguiram um status social equivalente à seus semelhantes ocidentais, mas as diferenças são evidentes: não podemos deixar de ficar impressionados com a força do nacionalismo que emerge das suas biografias. A finalidade do negócio não está em fazer dinheiro, e sim no cumprimento da missão de desenvolvimento do Japão, a lealdade ao imperador e amor à pátria (Chukun Aikoku) (HAMON, 1995 : 83, tradução livre).

Os capitalistas japoneses, citados por Hamon, não desejavam que as gerações seguintes, ao assumirem o poder, perdessem essa perspectiva da importância da identidade japonesa e por isso investiram na educação. Não foi por coincidência que 1890 foi o ano em que foi lançado pelo governo o “Rescrito Imperial sobre a educação”. Os presidentes das principais *Zaibatsu* exigiam entendimento do Rescrito e estimulavam aqueles que desejavam se tornar bons gestores a estudar nas universidades (como a Universidade Imperial de Tokyo, a Universidade Waseda e a Universidade Keio).

Com os administradores capazes e instruídos de forma a satisfazer as vontades do governo e das empresas, os primeiros anos da década foram de acumulação de riquezas para o Estado e as *Zaibatsu*. A Mitsubishi então passou a investir mais no seu setor

financeiro, o que lhe permitiu atrair 28% dos investimentos que antes iam para a Mitsui. O problema é que ao focar os investimentos nesse setor não se preparou como devia para os momentos de forte demanda no setor de construção naval.

As guerras (Sino-Japonesa e Russo-Japonesa) intensificaram as já intensas relações entre a Mitsubishi e o governo. Na guerra do fim do século XIX, as tropas japonesas foram transportadas por navios construídos pelo setor de construção naval da *Zaibatsu* e o *Mitsubishi Bank* (ou Banco Mitsubishi) concedeu crédito ao governo. Como recompensa, a Mitsubishi teve posição privilegiada na exploração do mercado coreano e da ilha de Formosa, além de terem recebido parte da indenização pelo vitória na guerra.

Nesse período (graças à forte demanda advinda das guerras) o Estaleiro de Nagasaki começou a ter problemas com a falta de mão de obra qualificada. Isso obrigou a empresa a exigir cada vez mais dos seus funcionários (uma das práticas utilizadas foi o aumento abusivo da carga horária diária de trabalho).

Na Guerra Russo-Japonesa, apesar de ter ganhado uma região como a de Liaodong para explorar e construir seus caminhos de ferro (como chamavam as ferrovias, uma paixão dos japoneses desde a *Meiji Isshin* por representarem o progresso), a empresa ficou muito descontente pelo não recebimento de indenizações. Um descontentamento até certo ponto justificável pelo modo de pensar que não separava responsabilidade própria (privada) de responsabilidade do governo. Em 1907 a Mitsubishi teve que pausar seus investimentos no continente para resolver questões trabalhistas em Nagasaki. Hisaya Iwasaki (3º presidente da Mitsubishi e filho de Yataro Iwasaki), talvez, não tivesse que ter interrompido a exploração se tivesse recebido a indenização e a tivesse investido na qualificação de desempregados para assumirem postos no estaleiro. Como consequência teve que aumentar seu efetivo administrativo de cerca de 4% para 15% do total ao longo dos 20 primeiros anos do século XX (HAMON, 1995).

Apesar dessa grande crise de mão de obra, foi no período de 1894 a 1913 que a Mitsubishi conseguiu dobrar sua fortuna.³² No fim da Era Meiji concentrava 5,5% de todo o capital japonês a um ritmo de crescimento de 2,1%, perto do ritmo de crescimento do país (que ficou em 2,86% como dito anteriormente).

³² Que passou de 2 milhões de ienes em 1894 para 4 milhões em 1913 (primeiro ano da Era Taisho), segundo Hamon (2005 : 82).

Com o fim da Era Meiji, a Mitsubishi figurava com uma força reconhecida por ocidentais e japoneses. O orgulho nacional era exaltado a cada conquista da Mitsubishi como uma conquista do país. Como destaca Hamon, o indivíduo não percebia uma separação do que era o Estado e o que era o indivíduo (até talvez como uma crítica quando dá a uma parte do primeiro capítulo de seu livro o título de: Uma Classe Social sem Ideologia própria).

Considerações Finais

Uma lição para os países emergentes

A forte interação entre os Estados só tende a se intensificar uma vez que a evolução tecnológica na área das comunicações é cada vez mais rápida, as economias estão cada vez mais interdependentes e as relações políticas entre os Estados tomam mais espaço na pauta dos mesmos. Enquanto, para alguns Estados, isso cria dúvidas quanto à manutenção da sua soberania, para outros, representa a afirmação do nacional.

Melhor do que temer as conseqüências do fenômeno da globalização é compreendê-lo, sabendo aproveitar os seus aspectos positivos e aprender a lidar com os aspectos negativos. O Japão pode ter tido a “fortuna de Maquiavel” ao seu lado por ter sido preterido pelas nações ocidentais (que preferiram focar seus esforços na China e na Índia por serem países de retorno financeiro mais imediato) em um primeiro momento. Mas como pôde ser visto ao longo deste trabalho, muito foi alcançado graças ao esforço em prol do nacional.

A abertura dos portos japoneses, com a assinatura dos tratados desiguais, se assemelha à brasileira. Em ambos os países houve uma invasão dos produtos europeus a preços menores que os produtos internos. Alencar (1996) comenta que a capital brasileira, Rio de Janeiro, parecia uma capital europeia e vendia produtos que não tinham utilidade em um país tropical (como patins de gelo, por exemplo. Na mesma linha, Henshall, Sakurai, Yokota e principalmente Yamashiro comentam a estranheza que causava tanto aos japoneses quanto aos ocidentais as ruas de Tokyo, que já apresentavam poucos prédios no estilo ocidental em meio a casas japonesas, homens andando de terno e gravata e mulheres andando de *kimono*.

Não se busca idealizar as conquistas japonesas, mas sim demonstrar que mesmo com aspectos negativos (nenhum Estado é perfeito), como a concentração de poder nas mãos de oligarcas e plutocratas, uma nação pode crescer e, mesmo que contra os desejos das potências dominantes da época, se tornar um ator vital nas Relações Internacionais. Isso sem deixar de fornecer aos cidadãos uma qualidade de vida decente (educação, moradia, alimentação).

O fato é que incomodava aos oligarcas (os *damio*) a forma como o mercado foi aberto. Eles, mais do que qualquer outra classe, desejavam comerciar com chineses e ocidentais (o que na época era quase a mesma coisa uma vez que a China não tinha muita autonomia), mas da forma como estava o mercado não favorecia boas trocas comerciais para os *damio*.

A figura do Imperador em uma “prisão domiciliar” no palácio de Kyoto ao longo dos séculos de *Bakufu* era outro fator que incomodava muito os *damio*. Acreditavam que a “luz divina” do Imperador não deixaria que os “demônios ocidentais” (HENSHALL, 2005) dominassem o Japão como pareciam estar fazendo, haveria um equilíbrio.³³ Com a Guerra Boshin e a conseqüente vitória dos monarquistas, ascendia ao poder um jovem de 15 anos, Imperador Meiji, que foi manipulado pelos oligarcas.

A corrupção estava presente, como está em praticamente todo Estado, mas os investimentos foram feitos e o momento foi aproveitado. A exaltação nacional serviu para balancear as fortes influências ocidentais que entravam no país com muita facilidade e autonomia. Imperador, a bandeira e a educação (“da terra onde o sol aparece primeiro graças às bênçãos da Deusa Amaterasu”, crença xintoísta) foram símbolos importantes, mas a Belle Époque exigia que o Japão demonstrasse sua força na economia e as *Zaibatsu* tiveram esse papel.

A Mitsubishi, mais especificamente, foi um símbolo por ascender tão rapidamente (lembrando que, conforme dito no capítulo 03, em apenas 4 anos a Mitsubishi já dominava o transporte marítimo com a maior frota de navios a vapor da região) com estabilidade e para deixar sempre claro que a “alma” da empresa era o *bushido* e o seu senhor era o Imperador Meiji.

Na contemporaneidade, o Brasil possui duas grandes empresas que elevam o nome do Brasil (a Vale e a Petrobrás). Ambas são empresas que vendem *commodities* (minérios e petróleo), o que (somando-se a outros fatores) faz com que o Brasil ainda seja visto como

³³ Para a cultura japonesa, muito por parte da influência do Taoísmo chinês, um lado não deveria ser aniquilar o outro. O equilíbrio entre o “bem”/“positivo” e o “mau”/“negativo” (princípio do yin-yang) era o que os japoneses desejavam para o seu país. Ironicamente, quando os japoneses parecer esquecer esse princípio e decidem que apenas o “positivo” (do ponto de vista japonês) deveria prevalecer é quando seu país sofre sua principal tragédia.

um país mais focado no setor primário. Isso é compreensível dada à abundância de terras agricultáveis e matérias primas, que possuem baixo valor agregado (POCHMANN)³⁴.

O Japão, por outro lado, não possui a extensão de terras ou a abundância de matéria prima e voltou-se mais para o segundo setor (principalmente construção naval, ferroviária, etc) e o terceiro setor (serviços, principalmente bancário) que possuem alto valor agregado. Mas não se esqueceu de fortalecer ao máximo possível seu setor primário para possibilitar que os outros dois setores (principalmente o segundo) pudessem prosperar. Como mostrado no capítulo 03, dentro da própria Mitsubishi existia um setor para extração de minérios que eram necessários para a construção naval. Ainda no capítulo 03 pode ser visto que mesmo com a agricultura perdendo participação na balança comercial, o governo ainda investia em pesquisas para otimizar a produção ao invés de importar os produtos da China e da Índia (o que talvez fosse menos custoso).

Ao longo deste trabalho puderam ser notados alguns aspectos que foram únicos à população japonesa e que se transportados para outros países provavelmente não dessem o mesmo resultado, mas como dito na Introdução e no primeiro capítulo, não existem fórmulas para se alcançar o equilíbrio entre o nacionalismo e a globalização. Mas alguns pontos podem ser observados como: o respeito à globalização e as outras culturas, foco no interesse nacional, um forte sistema educacional e símbolos fortes que evoquem o sentimento de amor à Nação.

O equilíbrio globalização-nacionalismo, como visto nos capítulos anteriores, foi de vital importância para que o Japão se tornasse uma potência respeitada pelos ocidentais. Ao longo do *Bakufu* os japoneses experimentaram o extremo nacionalista, quando se fecha e não admite entrada ou saída de pessoas e produtos, e o extremo “globalista”, quando abre os portos e assina tratados desiguais. O nome dado a Era, Meiji (“Poder Iluminado”), apesar de ter sido dado no momento da coroação do Imperador Matsuhito, representou bem o que a Era significou para o país. Posteriormente, no Pós-1945, foram os acontecimentos da Era Meiji que ensinaram ao Japão como buscar o equilíbrio e assim poder criar um Segundo Milagre Econômico Japonês.

Henshall compara o Japão à figura mitológica da Fênix, que sempre renasce das suas próprias cinzas, jovem e revigorada. Coincidência ou não, na China e no Japão existe a

³⁴ Artigo que pode ser acessado no site: <http://decon.edu.uy/network/panama/POCHMANN.PDF>

crença em uma ave lendária chamada pelos chineses de Fenghuang³⁵ que representa, principalmente, o equilíbrio entre o yin-yang, significando que o renascimento depende do equilíbrio da alma. Essa parece ser uma lição que os japoneses aprenderam na Era Meiji e no Pós-II Grande Guerra, mas que ao longo dos últimos 20 anos demonstraram estar esquecendo. A destruição do teatro Kabukisa³⁶ em 2010 para dar lugar a um moderno prédio de 49 andares é algo muito triste para aqueles que defenderam o patrimônio histórico.

Em conversa com um japonês, empregado em uma empresa que fez parte da Mitsui *Zaibatsu*, em Abril de 2010, ficou claro seu descontentamento com a atual geração de jovens japoneses: “Os japoneses estão esquecendo o *bushido*, para os jovens o tradicional é chato e a cultura estadunidense divertida e interessante. Precisamos lembrar do *bushido* se quisermos voltar a nos destacar.”

Talvez, no início da próxima Era o Japão possa se reerguer mais uma vez, acompanhado do emergente Brasil, e volte a rivalizar verdadeiramente com os Estados Unidos e com a China.

³⁵ No Japão o guardião mitológico do sul é chamado de Suzaku e ele possui as mesmas características da Fenghuang e da Nan Fang Zhu Que, que é o guardião do sul para os chineses.

³⁶ Teatro erguido em 1889 para apresentações de Kabuki (teatro tradicional japonês). A matéria sobre a demolição está disponível em: <http://madeinjapan.uol.com.br/2010/04/21/teatro-de-kabuki-de-toquio-sera-demolido-em-maio/> (visitado no dia 31 de Agosto de 2010)

Bibliografia

Livros

AGTMAEL, Antoine von. **O Século dos Mercados Emergentes**. São Paulo.: Cultrix, 2009.

ALENCAR, Francisco. *et al.* **História da Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro.: Ao Livro Técnico, 1996.

ARENDT, Hannah. **Eichmann Em Jerusalem: Um Relato Sobre A Banalidade Do Mal**. São Paulo.: Companhia das Letras, 1999.

BAUMAN, Zigmunt. **Globalização: As Conseqüências Humanas**. Rio de Janeiro.: ZAHAR, 1999.

_____. **Tempos Líquidos** Rio de Janeiro.: ZAHAR, 2007.

BENAYON, Adriano. **Globalização versus Desenvolvimento**. São Paulo.: Escrituras, 2005.

CASTRO, Thales. **Elementos de Política Internacional**. Curitiba.: Juruá, 2008.

GENTILI, Pablo. (org.) **Globalização Excludente** Rio de Janeiro.: Ed. Vozes, 1999.

HAMON, Claude. **Le Groupe Mitsubishi (1870-1990): Du Zaibatsu au keiretsu**. Paris.: L'Harmattan, 1995.

HENSHALL, Kenneth. **História do Japão**. Lisboa.: Edições70, 2005.

HELD, David. & MCGREW, Anthony. **Prós e Contras da Globalização**. Rio de Janeiro.: ZAHAR, 2001.

IANNI, Otávio. **Teorias da globalização**. São Paulo.: Record,1995.

LIMA, Oliveira. **No Japão**. Rio de Janeiro.: Topbooks Editora, 1997.

MACHIAVELLI, Niccolò. **The Prince & The Art of War**. Londres.: Collector's Library, 2004.

NITOBÉ, Inazo. **Bushido – The Soul of Japan**. .: The Project Gutenberg EBook, 2004.

SAKURAI, Célia. **Os Japoneses**. São Paulo.: Contexto, 2008.

YAMASHIRO, José. **História da cultura japonesa**. São Paulo.: IBRASA, 1986.

Mangá

WATSUKI, Nobuhiro. **Rurouni Kenshin (Samurai X)**. São Paulo.: Japan Brazil Communication, 2000 a 2005, Volumes 1 ao 56.

_____. **A Sakabatou do Yahiko**. São Paulo.: Japan Brazil Communication, 2005.

_____. **Kenshin Kaden**. São Paulo.: Japan Brazil Communication, 2005.

Artigos

DE MELLO E SILVA, Alexandra. **Idéias e política externa: a atuação brasileira na Liga das Nações e na ONU**, 1998 <<http://www.scielo.br/pdf/rbpi/v41n2/v41n2a08.pdf>> Acesso em: diversas vezes entre Junho e Agosto de 2010.

HIRST, Paul. **The global economy: myths and realities**. London.: International Affairs 73, 1997: 409-425.

POCHMANN, Márcio. **Economia global e a nova Divisão Internacional do Trabalho** <<http://decon.edu.uy/network/panama/POCHMANN.PDF>> Acesso em: diversas vezes em Julho de 2010.

Artigos Jornalísticos

Drummond, C. <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI4294586-EI6609,00-Maquagem+contabil+e+cinismo+financeiro+na+crise+da+Grecia.html>> Acesso em: diversas vezes entre Maio e Julho de 2010.

Redação Made in Japan. <<http://madeinjapan.uol.com.br/2010/04/21/teatro-de-kabuki-de-toquio-sera-demolido-em-maio/>> Acesso em: 31 de Agosto de 2010.

Documentos e Relatórios Oficiais

Disponível em:

<http://europa.eu/legislation_summaries/glossary/accession_criteria_copenhague_pt.htm> Acesso em: 30 de Agosto de 2010.

Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindic sociais2008/indic_sociais2008.pdf> Acesso em: 25 de Agosto de 2010.

Disponível em: <<http://www.un.org/geninfo/ir/index.asp?id=150>> Acesso em: diversas vezes entre Junho e Agosto de 2010.

Sites

Disponível em: <<http://brian.hoffert.faculty.noctrl.edu/HST165/18.MeijiRestoration.html>> Acesso em: diversas vezes no mês de Agosto de 2010.

Disponível em: <<http://mnu.blogspot.com/>> Acesso em: 29 de Agosto de 2010.

Disponível em: <<http://www4.bcb.gov.br/?TXCONVERSAO>> Acesso em: diversas vezes entre 20 e 27 de Agosto de 2010.

Disponível em: <www.mitsubishi.com> Acesso em: diversas vezes entre o período de Dezembro de 2009 e Agosto de 2010.

Disponível em: <<http://www.mundoeducacao.com.br/geografia/asean.htm>> Acesso em: 30 de Agosto de 2010.

Disponível em: <<http://www.sjsu.edu/faculty/watkins/zaibatsu.htm>> Acesso em: diversas vezes entre o período de Maio e Junho de 2010.